



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PROFCIAMB - UEFS**

LANUCE ALVES BARBOSA SILVA

**HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO RIO COCHÓ NO
MUNICÍPIO DE SEABRA – BA**

FEIRA DE SANTANA – BA

2022

LANUCE ALVES BARBOSA SILVA

HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO RIO COCHÓ NO MUNICÍPIO DE SEABRA – BA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB, Associada UEFS, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Ambiente e Sociedade.

Orientador: Dr. Willian Moura de Aguiar

Coorientadora: Dra. Marjorie Cseko Nolasco

FEIRA DE SANTANA – BA

2022

LANUCE ALVES BARBOSA SILVA

HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO RIO COCHÓ NO MUNICÍPIO DE SEABRA – BA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB, Associada UEFS, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Aprovada em de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Luciene Souza Santos (DEDU/UEFS)

Prof^o. Dr. Vinícius Navarro Morende - (DCHT/UNEB)

Prof^a. Dra. Marjorie Cseko Nolasco (PROFCIAMB/UEFS) - Coorientadora

Prof^o. Dr. Willian Moura de Aguiar (PROFCIAMB/UEFS) - Orientador

FEIRA DE SANTANA-BA

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação: À minha família, em especial, a todos/as que colaboraram nesse processo formativo sem medir esforços para me ajudar e agradeço pela paciência, persistência, perseverança e amor, me fizeram acreditar nos meus sonhos. Eu amo vocês incondicionalmente.

Gratidão por tudo!

Aos meus pais, Otacílio José da Silva e Silvandira Alves Barbosa, que em meu cotidiano, me ensinaram com momentos compartilhados de afeto, cumplicidade e muita luta para nos criar, tudo que sei nessa vida, Deus em primeiro lugar e meus eternos pais.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer infinitamente a todos aqueles que sempre confiaram em mim, desde o princípio. E aos que me impulsionaram sempre a prosseguir na caminhada. Vocês foram (e são) os maiores instigadores desse meu caminhar até aqui, mesmo quando não tinha mais força.

Agradeço cordialmente a todas que foram meus antecessores, que com luta abriram os caminhos me permitiram hoje ocupar lugar grandioso na academia.

Agradeço aos meus avós: Ricardo José da Silva, Maria Francisca da Silva, Antônio Francisco Barbosa, Elvira Procopia Barbosa, cuja força e determinação de ir além dos obstáculos. Em especial, meus amados pais, Otacílio e Silvandira, por terem sido os meus primeiros mestres. Aos meus queridos irmãos, João José da Silva, Maria das graças Silva, Luciene Alves Barbosa Silva, Damião Alves Barbosa Silva, meu “irmão” (*in memoriam*) Cosme Alves Barbosa Silva, minha Sobrinha Graciana Silva e irmã, os quais se alegram com as minhas alegrias e estão sempre por perto, nos momentos em que eu mais precisei.

Aos professores que tive, ao estudar no Povoado de Baixãozinho, base sólida da minha educação formal, e que me ensinaram as primeiras letras sem as quais não teria chegado até aqui, sem esquecer do Centro Educacional de Boninal e queridos/as Professores/as do Ensino Fundamental e Médio neste itinerário de vida escolar.

Agradeço também aos queridos professores e à Turma III do Mestrado Profissional em Ciências Ambientais. Aos amigos, Jodália Alexandria (prima), João Martins, Ivanilda, Nilton Rocha, Jair Antônio da Rocha, Joceneide, Luzia Rocha, Rosália, Ioia Brandão, (Nilmara, Diosvaldo, Milena Medrado, cada um com sua especificidade e cooperação), Delmar Araújo, Raimundo de Jesus, Victória Benício, Ana Carla Souto Rocha (Cacá) por disponibilizar sua dissertação de mestrado e Luciene Tarrão por ser a mediadora, incentivadora para que eu fizesse este mestrado, Iranice Carvalho (Professora – UNEB), Gislene Moreira (UNEB) e tantos outros amigos que durante a caminhada, Deus colocou em minha vida, para que pudesse chegar até aqui.

A todos/as pessoas envolvidas na pesquisa, entrevistados (as) Conscientização, Cidade, Músico, Raio de Sol e demais colaboradores: Dona Marilande, Zé Carlos Pires, Sindo Guimarães, Zilda Maria Paiva que contribuíram com este estudo e me indicaram outras/os pessoas que conheciam a história deste Rio e

a comunidade Seabrense. Erialdo Oliveira Ribeiro, Diretor de Meio Ambiente e Brigadista Piatã – BA, Ricardo Xavier, Presidente da Associação Altitude Ambiental Brigada de Incêndio Florestal Piatã – BA, que abriram suas portas para que pudesse conhecer a trajetória do Rio Cochó desde sua nascente.

Aos entrevistados e moradores locais consultados, que forneceram depoimentos de grande relevância para a construção dos resultados deste trabalho, e além de enriquecê-lo, permitiram produzir informações até então não encontradas em bibliografias ou arquivos municipais.

Agradeço à FAPESB, pela concessão da bolsa de pesquisa.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, com júbilo, para a realização desta defesa de mestrado, o meu sincero agradecimento.

Agradeço à Lydia Alves Lima Santos, por contribuir na gravação do podcast e correção da dissertação.

Não poderia esquecer do Celular, Notebook, outros, que fizeram parte desta construção da pesquisa.

Por último, aos meus excelentíssimos orientadores, professor Dr. Willian Moura de Aguiar e a Dra. Marjorie Cseko Nolasco. Por me acompanharem em mais uma etapa. Pela paciência e confiança que sempre depositaram em mim.

EPÍGRAFE

Rio Cochó
Quase morto,
Moribundo de papéis e lixo
Suas margens
Que não são mais margens
São lama
Alagadiços
Assoreadas pela infame ignorância humana.
Rio de “Passagem Bonita”
Que já foi “Cochó do Pega”
Rio que pega “Cochó que pega”
Fica! E hoje
Só Cochó
Morto Quase morto
Pedinte de um olhar
Que quase ninguém dá!
Feio
Ignorado
Abandonado
Sozinho
Ninguém o vê em sua solidão
Ninguém lembra de sua saudade
Em sua agonia de morte!

(Por Dhyán Firdauz. Professor Jorge)

RESUMO

O presente trabalho traça a linha do tempo, registra as transformações e danos sofridos pelo rio Cochó, causados pelo homem, nos anos 60, 70 e 80. O uso desmedido e sem controle dos recursos hídricos e dos usos da terra causaram a este manancial hídrico, grandes e silenciadas/invisibilizadas perdas. O estudo foi conduzido sob a perspectiva da história ambiental, baseado na memória local, em documentos e imagens históricas, em busca de entender as ressignificações dadas ao Rio Cochó, o mais importante rio da região de Seabra - BA, cujas nascentes estão localizadas entre duas serras: a do Tromba e de Santana, em Piatã, Chapada Diamantina – BA. Este rio é uma das principais nascentes da bacia do Santo Antônio, que deságua no Paraguaçu, sendo, principal sub-bacia do mesmo. O Rio Paraguaçu é o mais importante do semiárido da Bahia, fornecendo água para centenas de cidades e distritos, entre os quais Feira de Santana e Salvador. O Rio Cochó vem sendo modificado pelo desmatamento e pela poluição, decorrentes da urbanização da cidade de Seabra e dos municípios do entorno ao longo do tempo. Em Seabra, parte dele foi aterrado, parte assoreado e parte poluído, em processos que vem apagando da memória coletiva sua existência. O objetivo do estudo foi oferecer informações que possam mobilizar e conscientizar a população da cidade de Seabra, para a necessidade de ações para melhorar a qualidade dos recursos hídricos do Rio Cochó, por meio das redes sociais. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, levantamento prévio por meio de telefone, WhatsApp e E-mail, como uma forma de realização do trabalho durante a pandemia da COVID - 19, e por fim, um contato presencial com os entrevistados da pesquisa, através de entrevistas semiestruturadas, trazendo a memória e a história oral como metodologia para conectar diferentes gerações, buscando destacar o pertencimento, transversalizar a questão ambiental, trabalhar a ressignificação, dentre outros. O produto, resultado direto do processo junto à comunidade, ajudou a divulgar a existência e reforçar a memória de uma cidade por meio de podcast, uma adaptação do monólogo: “lembranças do Rio Cochó”, contando a história e transformações deste Rio ao longo do tempo. O processo de divulgação envolve parceiros diversos entre divulgadores sociais em diferentes mídias, com hospedagem em sites da rede Profciamb e diálogos diversos. Essa proposta foi selecionada pela Lei Aldir Blanc no Município de Seabra-Bahia, no viés da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município, por meio de editais de chamadas públicas e prêmios da lei federal nº. 14.017/2020, para inscrições do prêmio cultura de Seabra. Foi selecionado o projeto contemplado neste edital em forma teatral o Monólogo: “Lembranças do Rio Cochó”, divulgado em redes sociais: Facebook, Instagram, Youtube, entre outros.

Palavras-chave: Rio Cochó; História ambiental; Recursos hídricos; Antropoceno.

ABSTRACT

The present work traces the time line, records the transformations and damages suffered by the Cochó River, caused by man, in the 60's, 70's and 80's. The excessive and uncontrolled use of water resources and land uses caused this water source, large and silenced/invisible losses. The study was conducted from the perspective of environmental history, based on local memory, documents and historical images, in order to understand the resignifications given to the Cochó River, the most important river in the Seabra region - BA, whose sources are located between two mountains: Tromba and Santana, in Piatã, Chapada Diamantina – BA. This river is one of the main sources of the Santo Antônio basin, which flows into the Paraguaçu, being its main sub-basin. The Paraguaçu River is the most important in the semi-arid region of Bahia, supplying water to hundreds of cities and districts, including Feira de Santana and Salvador. The Cochó River has been modified by deforestation and pollution, resulting from the urbanization of the city of Seabra and the surrounding municipalities over time. In Seabra, part of it was landfilled, part silted up and part polluted, in processes that have been erasing its existence from the collective memory. The objective of the study was to provide information that can mobilize and make the population of the city of Seabra aware of the need for actions to improve the quality of the water resources of the Cochó River, through social networks. For that, we used a bibliographic research, a previous survey by telephone, WhatsApp and E-mail, as a way of carrying out the work during the COVID - 19 pandemic, and finally, a face-to-face contact with the research respondents, through semi-structured interviews, bringing memory and oral history as a methodology to connect different generations, seeking to highlight belonging, transversalize the environmental issue, work on resignification, among others. The product, a direct result of the process with the community, helped to publicize the existence and reinforce the memory of a city through a podcast, an adaptation of the monologue: “Memories of Rio Cochó”, telling the history and transformations of this River throughout the time. The dissemination process involves different partners among social promoters in different media, with hosting on Profciamb network sites and various dialogues. This proposal was selected by the Aldir Blanc Law in the Municipality of Seabra-Bahia, in the perspective of the Municipal Secretary of Education and Culture of the Municipality, through public notices and awards of federal law no. 14.017/2020, for entries for the Seabra Culture Award. The project included in this public notice was selected in theatrical form, the Monologue: “Memories of Rio Cochó”, published on social networks: Facebook, Instagram, Youtube, among others.

Keywords: Cochó River; Environmental history; Water resources; Anthropocene.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1 RECURSOS HÍDRICOS.....	21
2.2 FORMAÇÃO DOS RIOS DA CHAPADA DIAMANTINA.....	22
2.3 RIO COCHÓ.....	23
2.4 AGRICULTURA, URBANIZAÇÃO E RECURSOS HÍDRICOS.....	27
2.5 HISTÓRIA AMBIENTAL.....	30
2.6 EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	33
2.7 MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS.....	36
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	41
4 PERFIL CULTURAL DOS ENTREVISTADOS.....	46
5 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	53
5.1 HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO RIO COCHÓ NO MUNICÍPIO DE SEABRA – BA.....	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - Hidrografia do Rio Cochó.....	24
Figura 2.2 - O rio Cochó no município de Seabra.....	25
Figura 5.1 - Microbacia do rio Chocó na cidade de Seabra.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 - Principais impactos Rio Cochó em Piatã, Boninal e Seabra-BA.....	26
Quadro 4.1 - Moradores entrevistados organizados por faixa etária Rio Cochó no município de Seabra – BA.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS

ADAB	Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia
CERB	Companhia de Engenharia Ambiental e Recursos Hídricos da Bahia
EA	Educação Ambiental
GAS	Grupo Ambientalista de Seabra
IB	Instituto de Biociências
IFBA	Instituto Federal da Bahia
INEMA	Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
JIVA	Junta Independente Voluntária Ambiental
PAPE	Programa de Alfabetização ao Pré - Escolar
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

APRESENTAÇÃO

O motivo por ter decidido trabalhar esta temática foi que ao longo de minha jornada acadêmica sempre me deparei com a inquietação sobre a formação continuada do professor, de qualquer área do conhecimento. Nesse sentido, sempre gostei de estudar e atuei como professor multisseriado assim que me formei em magistério em 1996.

Em 2011, passei no vestibular Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, Campus XXIII da UNEB em Seabra – BA. Nesse construto, percebi que o mestrado, doutorado é mais um grau a dar sequência nos estudos em forma de pós-graduação *stricto sensu*. Com esse pensamento pensava em fazer mestrado na área da educação.

Em 2016, prestei vestibular na mesma instituição citada acima para o Curso de Pedagogia e passei, mais um percurso a ser realizado. Fui surpreendido com a disciplina ou componente curricular: Educação Ambiental, na qual tínhamos que fazer um levantamento como era trabalhado a questão ambiental em nossa família, sobretudo pelos mais velhos, a pedido da Professora desta disciplina. Nessa abordagem foram tratadas várias discussões de como era trabalhado Ciências, Educação Ambiental (EA), Meio Ambiente/natureza nas escolas e na vida cotidiana de cada graduando. Muitas vezes o tema “meio ambiente” é trabalhado superficialmente.

Nesse viés de pensamento, a Universidade precisa pensar no currículo escolar do Ensino Básico dos Anos Iniciais e Finais ao se tratar da EA, uma vez que na Universidade fala-se muito, sobretudo a teoria, mas quando leva para prática pedagógica de sala de aula é outra realidade. A partir dessa discussão reverberada na graduação, como também em sala de aula, tive a experiência de aplicar uma oficina no estágio I, em espaços não formais, juntamente com meus colegas de turma: Joceneide, Luzia, Rosália e asicineiras do espaço Dona Virtude, situado na Rua Itaberaba – Vasco Filho, antiga Rua da Palha, trabalhando o tema: a importância da preservação do meio ambiente em forma de reciclagem, mobilização por meio de música e teatro que aborda o tema em questão. Dessa iniciativa surgiu a ideia de conhecer a história do Rio Cochó que passa no meio deste Bairro. Levamos os alunos para conhecer o Rio e conversar com os moradores locais mais velhos se eles conheciam o Rio Cochó e como era este rio antigamente, uma vez que está totalmente

afetado pela ação indevida do ser humano (antrópica).

Dentro deste contexto mencionado deu-se meu contato com o Rio Cochó que antes só ouvia falar em época de festa Junina através da música de Hugo Luna: “Foi-se embora meu Rio Cochó”, ou em projetos das escolas, somente para trabalhar temas como: meio ambiente, reciclagem, outros, sem conhecer a história deste rio. Para mim, tudo era Rio Cochó na cidade de Seabra, embora tenha outros rios como: Campestre, Prata, que é onde tem o encontro do rio Cochó com estes rios. Portanto, rememorar este rio sem uma integração com a história ambiental, local, por que não estudar o Rio Cochó atrelado as histórias de vida do sujeito com o rio e as relações sociais nas escolas, sociedade civil organizada, espaços formais e não formais, outros, ressignificando a educação ambiental e história ambiental, na teoria e prática na formação do indivíduo como pessoa e academicamente, trazendo para o contexto atual as histórias e transformações do Rio Cochó. O que é o Rio para quem vive em seu entorno? Foram estas inquietações que me moveram a reformular ou repensar o projeto que foi trabalhado na oficina no espaço não formal já referido e fazer a seleção do mestrado.

Dessa forma, surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais – Profciamb, pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Campus Avançado da Chapada Diamantina – Lençóis – Bahia. Assim, permeia/ou se dá minha entrada no mestrado Profissional no Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB/UEFS.

Nessa trajetória referenciada acima, pude perceber a importância de ter uma graduação e dar continuidade no processo formativo no qual estava inserido.

O texto para defesa do mestrado foi organizado da seguinte forma: introdução, referencial teórico, metodologia da pesquisa, perfil cultural dos entrevistados, resultado e discussão, dando destaque para a História e transformações do Rio Cochó no Município de Seabra – BA, trazendo um recorte da história de Seabra, desde sua origem e sua relação com o rio nos aspectos ambientais, sociais, econômicos das ações antrópicas do ser humano com a natureza, analisando as histórias e memórias dos mais velhos, com o objetivo de demonstrar o quanto as suas vivências podem contribuir com ações e olhares em prol das questões ambientais.

E por fim, são apresentadas as considerações parciais arguindo um olhar reflexivo sobre a necessidade de preservação do rio Cochó. Desse modo, o produto educacional resultante teve com base no “monólogo lembranças do Rio Cochó”, que

fazia parte a princípio desta pesquisa. A obra foi premiada pela Lei Aldir Blanc no Município de Seabra-Bahia da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, por meio de edital, baseado na lei nº 14.017/202.

1 INTRODUÇÃO

Conforme Lima (2001), a água é de extrema importância para a existência da vida e da terra. Além disso, a necessidade desse recurso natural no desenvolvimento de diversas atividades antrópicas, dentre outras, é indiscutível. Assim, como a produção de alimentos, energia, bens de consumo, lazer, transportes como também a manutenção para o equilíbrio ambiental, ecossistema terrestre.

Partindo desta premissa, a água é um recurso natural essencial para a vida do ser humano. A água potável acessível é relativamente escassa e será sem dúvida um grande problema para a humanidade nas próximas décadas. Conforme o Relatório das Organizações das Nações Unidas (ONU, 2020), que indica que a água foi um recurso escasso para esse milênio e, daqui a 3 décadas, a carência de água vai afetar 2/3 da população mundial, o equivalente a 5,5 bilhões de pessoas (ALMEIDA et al., 2000).

Consoante Relatório da ANA (2020), grande parte da água utilizada destina-se à prática agrícola, em irrigação de plantações e, a maior parte dessa água não pode ser reaproveitada, pois encontra-se contaminada por fertilizantes e pesticidas químicos, sem falar das que são utilizadas pela atividade industrial em seus processos de produção.

A preocupação com a situação do Rio Cochó, na cidade de Seabra desde sua nascente é fato que merece atenção da população e toda sociedade civil organizada, como também dos órgãos envolvidos seja Municipal, Estadual ou Federal em prol da melhoria dos recursos hídricos. Trazer a história deste rio é importante sobretudo no quesito do uso da água para a existência humana. A partir daí remete para a importância em preservar o meio ambiente, que é crucial a Educação Ambiental para a sensibilização da população.

Isto posto, o intuito deste trabalho é primordialmente oferecer informações que possam mobilizar e conscientizar a população da cidade de Seabra, para a necessidade de ações para melhorar a qualidade dos recursos hídricos do Rio Cochó. O estudo perpassa em demonstrar o passado e o presente do rio Cochó por meio das falas dos mais velhos, relacionando com as possíveis fontes poluidoras desde a sua nascente no município de Piatã - BA, empresas e lava jatos nas margens do rio, agricultura, desmatamento, entre outros.

A questão norteadora desta dissertação é: O que aconteceu com o Rio Cochó

ao longo dos anos? E o que pode ser feito pela população do seu entorno no município de Seabra para amenizar as agressões sofridas pelo rio?

O Rio Cochó, destaca-se por sua importância no desenvolvimento agrícola da região, fornecendo água para irrigação, bem como áreas produtivas de solo para o cultivo de culturas vegetais de grande importância comercial. O município de Boninal-BA por exemplo, vem direcionando sua economia para as culturas irrigadas de alho, com uma produção de 700t e do tomate com produção de 2.500t (EBDA, 2006). Segundo Souza (2007), o município de Seabra- BA destaca-se pela produção de café, estimada em 439.000 sacas por ano, havendo ainda o desenvolvimento de ações com o apoio do Grupo Ambientalista de Seabra para a criação do Pólo de Café Orgânico da Chapada Diamantina (PNP, 2002).

As informações encontradas ao longo desta trajetória mostraram que o rio Cochó, enquanto esteve em condições naturais, exerceu importante função social. Era comum a captação de água com latas e a prática de lavagem de roupas no leito do rio, pesca, banho e, inclusive, lazer, (FIGUEREDO; SANTOS, 2020).

Sendo assim, foi possível constatar que, desde o início do desenvolvimento da cidade até hoje, o município enfrenta problemas como a ausência de serviços adequados de saneamento básico e a escassez hídrica. Ademais, percebeu-se que a trajetória política, administrativa e comercial da cidade foi conduzida com base na existência do rio Cochó. Eventualmente, as pessoas desassocia essas questões do meio ambiente, o qual, na verdade, está o tempo todo ligado ao serviço da política, sobretudo quando se trata de uma região de potencial turístico como a Chapada Diamantina.

Tal qual o relatório da ONU (2010) intitulado “Água para um mundo sustentável”, entre os fatores que afetam a qualidade e disponibilidade dos recursos hídricos, está o crescimento da população e o processo acelerado de urbanização. Diante disso, reverbera os problemas ambientais surgidos no Rio Cochó por onde ele passa, devido ao crescimento populacional das cidades que este rio percorre.

Este trabalho é primordialmente importante para a mobilização deste Rio, como também pensar políticas públicas de efetivação para o meio ambiente, saneamento básico, além de Educação Ambiental para a população, pautada em uma gestão de recursos hídricos, voltada para o desenvolvimento sustentável e qualidade de vida da população local e circunvizinhas na ressignificação das memórias e histórias deste rio, além de preservar a história da cidade de Seabra.

Diante do exposto supracitado, vale salientar que segundo a ativista ambiental e escritora Vandana Shiva (2006), em seu livro **Guerras por água, privatização, poluição e lucro**, indaga, no capítulo inicial da obra, sobre a propriedade de exploração da água.

A quem a água pertence? Ela é uma propriedade privada ou pública? Que tipos de direito as pessoas têm ou deveriam ter? Quais são os direitos do Estado? Quais são os direitos das corporações e dos interesses comerciais? Ao longo dos tempos, as sociedades têm sido atormentadas por essas questões fundamentais (SHIVA, 2006: 35).

É de suma importância os questionamentos de Shiva possui o claro propósito de chamar a atenção sobre a incontornável escassez do produto que já é verificada em inúmeros locais do globo, bem como para levar à reflexão sobre a regulamentação e tendência privatizante desse bem primordial à vida.

Estamos atualmente enfrentando uma crise de água global, que promete piorar nas próximas décadas. E, com o aprofundamento da crise, novos esforços para redefinir os direitos à água estão a caminho. A economia globalizada está mudando a definição da água, de propriedade pública para um bem privado, a ser livremente extraída e comercializada. A ordem econômica global pede a remoção de todos os limites no uso e na regulamentação da água e o estabelecimento de mercados desse recurso. Proponentes do livre comércio da água veem os direitos da propriedade privada como a única alternativa para a posse estatal e os mercados livres como o único substituto para a regulamentação burocrática das reservas de água (op. cit.).

Logo, este trabalho traz reflexão sobre o recurso hídrico pertencente os moradores seabrenses que vivem a problemática do Rio Cochó. Por último, diante disso, o objetivo geral da pesquisa é oferecer informações que possam mobilizar e conscientizar a população da cidade de Seabra, para a necessidade de ações para melhorar a qualidade dos recursos hídricos do Rio Cochó, por meio das redes sociais. Os objetivos específicos da investigação, foram os seguintes: identificar as mudanças ambientais com olhar dos mais velhos ocorridas no Rio Cochó; apresentar podcasts interativo baseado no monólogo contando a história do Rio Cochó.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RECURSOS HÍDRICOS

A água é considerada um bem essencial para a preservação da vida e do meio ambiente, um recurso limitado pelo uso no que diz respeito à sua quantidade disponível e a sua qualidade. Conforme destaca o relatório da ANA (2011, p. 205) “apesar de o Brasil possuir grande oferta de água em termos globais, existe uma distribuição desigual dos recursos hídricos”. Sendo assim, destaca-se a grande disponibilidade hídrica na Amazônia, e a escassez de água na região Nordeste do Brasil.

De acordo com a lei 9.433/97, a Política Nacional de Recursos Hídricos baseia-se nos seguintes fundamentos:

Artigo 1º: I - a água é um bem de domínio público e II - a água é um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Artigo 2º: São objetivos da Política Nacional de Recursos Hídricos: I - assegurar à atual e às futuras gerações a necessária disponibilidade de água, em padrões de qualidade adequados aos respectivos usos; II - a utilização racional e integrada dos recursos hídricos, incluindo o transporte aquaviário, com vistas ao desenvolvimento sustentável; III - a prevenção e a defesa contra eventos hidrológicos críticos de origem natural ou decorrentes do uso inadequado dos recursos naturais (BRASIL, 1997, p. 470).

Associado ao problema da escassez de água, existe um consumo desequilibrado. Entre as atividades que mais demandam água – agricultura irrigada, indústria e uso doméstico, aliado ainda a grandes desperdícios, principalmente no processo de distribuição nos centros urbanos. Aproximadamente, 72% de toda a água potável ou em condições de ser tratada para consumo humano é utilizada para irrigação, enquanto, as atividades industriais consomem cerca de 18% e o uso doméstico cerca de 10%, de acordo com relatório da ANA (2013).

Dessa forma, discutir consumo, cultura, território, política e natureza pelo viés interdisciplinar e transdisciplinar são elementos necessários para serem pensados e compreender a crise da água, talvez a partir dessa combinação possam sair alternativas para o abastecimento de toda população mundial com água de qualidade e em quantidade justa para todos.

Ao se pensar em recursos hídricos para o futuro, deve-se ater a estes dados. Segundo alguns especialistas, a crise da água no século XXI é muito mais de gerenciamento do que uma crise real de escassez e estresse (Rogers et al., 2006).

Entretanto, para outros especialistas, é resultado de um conjunto de problemas ambientais agravados com outros problemas relacionados à economia e ao desenvolvimento social (Gleick, 2000). Para Somlyódy & Varis (2006), o agravamento a complexidade da crise da água decorrem de problemas reais de disponibilidade, o aumento da demanda, e de um processo de gestão ainda setorial, de resposta a crises e problemas sem atitude preditiva e abordagem sistêmica.

Tundisi et al. (2008) destacam que:

“... no amplo contexto social, econômico e ambiental do século XXI, os seguintes principais problemas e processos são as causas principais da “crise da água”: Intensa urbanização, aumentando a demanda pela água, ampliando a descarga de recursos hídricos contaminados e com grandes demandas de água para abastecimento e desenvolvimento econômico e social (Tucci, 2008).

Estresse e escassez de água em muitas regiões do planeta em razão das alterações na disponibilidade e aumento de demanda. Infra-estrutura pobre e em estado crítico, em muitas áreas urbanas com até 30% de perdas na rede após o tratamento das águas. Problemas de estresse e escassez em razão de mudanças globais com eventos hidrológicos extremos aumentando a vulnerabilidade da população humana e comprometendo a segurança alimentar (chuvas intensas e período intensos de seca).

Problemas na falta de articulação e falta de ações consistentes na governabilidade de recursos hídricos e na sustentabilidade ambiental. Esse conjunto de problemas apresenta dimensões em âmbito local, regional, continental e planetário. Esses problemas contribuem para: Aumento e exacerbação das fontes de contaminação. A alteração das fontes de recursos hídricos – mananciais – com escassez e diminuição da disponibilidade. Aumento da vulnerabilidade da população humana em razão de contaminação e dificuldade de acesso à água de boa qualidade (potável e tratada)”. (TUNDISI ET AL, 2008, p.7-8).

Sendo assim, esse conjunto de problemas supracitados está relacionado à qualidade e quantidade da água, e, em respostas a essas causas, há interferências na saúde humana e saúde pública, com deterioração da qualidade de vida e do desenvolvimento econômico e social.

2.2 FORMAÇÃO DOS RIOS DA CHAPADA DIAMANTINA

No sertão baiano, no Nordeste do Brasil, na área definida pela SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste como Polígono das Secas, localiza-se a Chapada Diamantina, onde nascem vários rios da Bahia, como o Rio de Contas (em Piatã) e o Paraguaçu (em Barra da Estiva), que fazem parte de grandes bacias hidrográficas, o que reserva à região uma posição privilegiada em termos ambientais no Estado.

A Chapada está dividida entre várias serras, como a Serra de Rio de Contas,

do Bastião, da Mangabeira, das Almas e do Sincorá. Elas são as divisoras de água entre a bacia do Rio Paramirim, afluente do Rio São Francisco, o Rio de Contas e o Rio Paraguaçu, que deságuam no Oceano Atlântico.

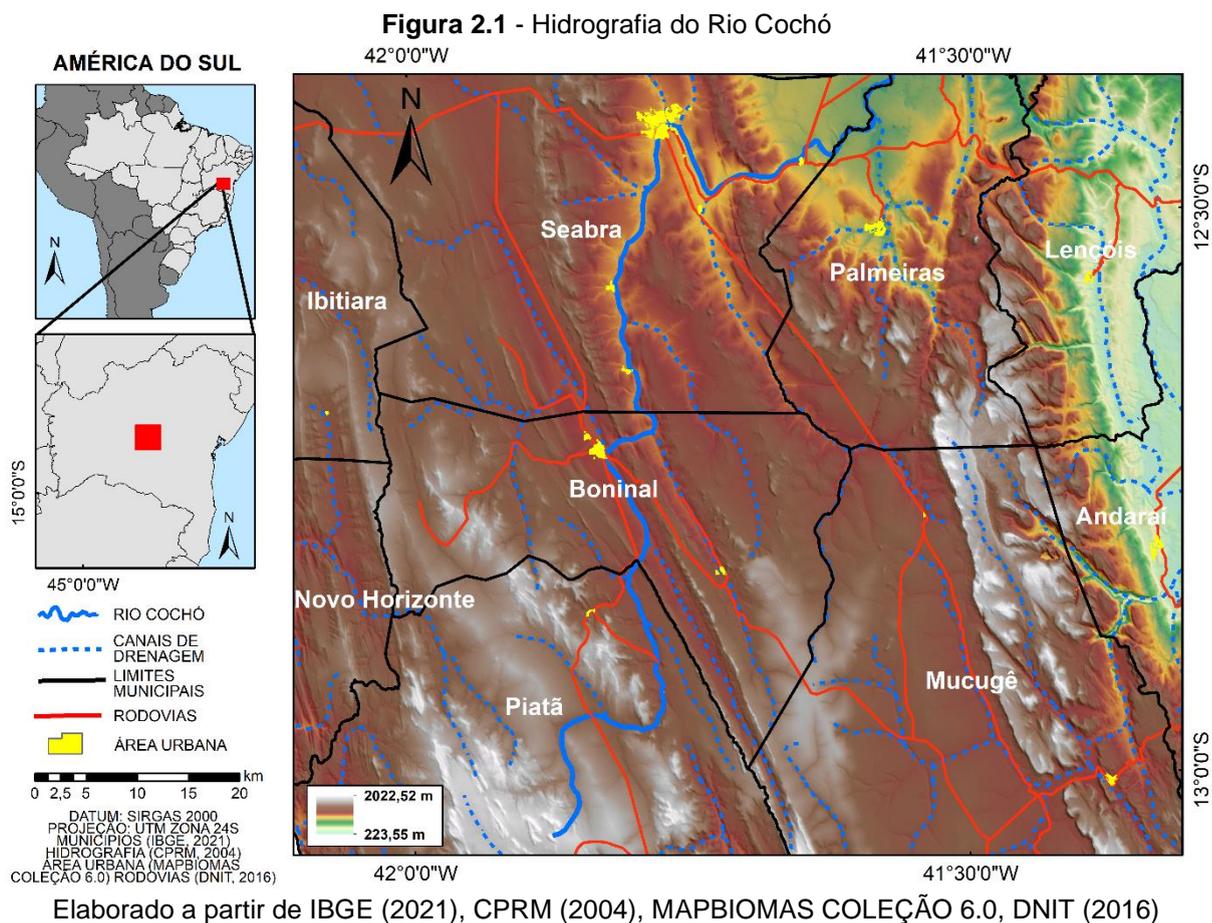
Geograficamente a Chapada Diamantina é uma região de serras que integra a estrutura geológica/geomorfológica conhecida como a “Serra do Espinhaço”. Sua altitude média varia entre 800 e 1.200 metros acima do nível do mar, representa 7% de todo o território da Bahia, em uma área que se aproxima dos 38.000 km².

As principais cidades turísticas que fazem parte da região são: a cidade Lençóis, porta de entrada e a mais estruturada para receber turistas, seu distrito de Xique-Xique do Igatú (Cidade de Pedra) com suas ruínas da época do garimpo, e Mucugê, com as práticas de ecoturismo em cachoeiras e cânions. Em sua estrutura, há a predominância de morros, vales, planícies e serras. Seu ponto mais alto é o Pico do Barbado a 2.003 metros de altitude, estando localizado no limite entre os municípios de Rio do Pires e Abaíra, na Bahia.

2.3 RIO COCHÓ

O Rio Cochó nasce em Piatã-BA, município localizado na região da Chapada Diamantina (Figura 2.1). Integra a região do Alto Curso da Bacia do Rio Paraguaçu juntamente com outras seis sub-bacias (Dos rios: Bonito, Utinga, Santo Antônio, São José, Preto e calha principal do rio Paraguaçu) que juntas ocupam uma área de 12.860 km², dos quais aproximadamente 9,8% são ocupados pelo Parque Nacional da Chapada Diamantina (SEIXAS, 2004).

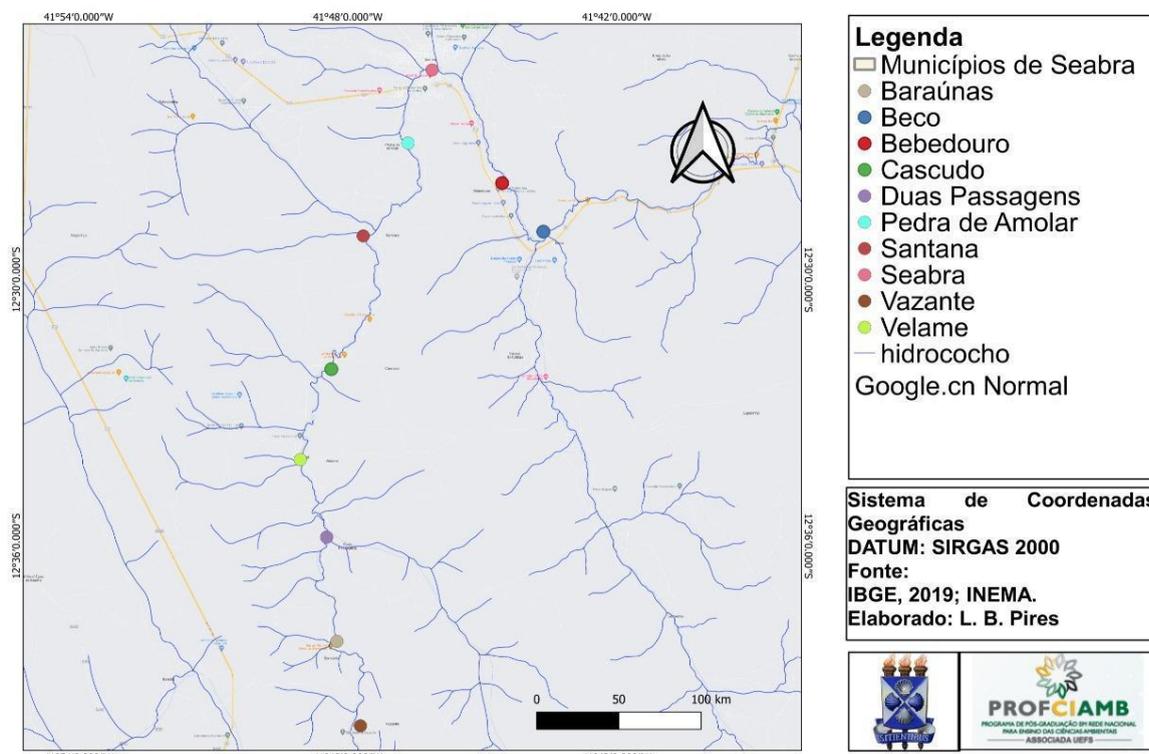
Segundo o Serviço Geológico do Brasil (1999), o Rio Cochó possui direção de fluxo para nordeste, condicionado pela estrutura geológica da Serra do Bastião, que se situa a leste da referida drenagem. Já dentro da área municipal de Boninal-Ba, inicialmente, flui para noroeste, passando para a direção nordeste, até a confluência com o rio Picos. Nas proximidades da sede, se encontra com o rio Palmares retomando a direção noroeste até a Fazenda Encruzilhada do Baixão, de onde segue na direção norte, entrando nos limites geográficos do município de Seabra-Ba, passando por distritos como: Ingazeira, Baraúnas, Velame e Angical. Desse último, retoma o fluxo no sentido nordeste até chegar à sede, onde recebe os riachos Campestre, Chifre de Boi e Prata, seguindo o seu curso na direção sudeste até o povoado do Bêco, recebendo mais um riacho, o Tijuco.



Em Seabra, o Rio Cochó passa por lugares importantes que destaca a utilização deste recurso hídrico nos municípios como: irrigação, agricultura, abertura de poços artesianos, que de certo modo tem ajudado a muitas pessoas dessas localidades na sobrevivência, mesmo quando é usado este recurso de forma indevida (Figura 2.2).

Figura 2.2 - O rio Cochó no município de Seabra

Rio Cochó - Seabra - Bahia



Fonte: Elaborado a partir de IBGE (2019)

O Cochó é um rio de regime perene, mas que em vários trechos tem se tornado intermitente, sofrendo impactos consideráveis à medida em que vai seguindo o seu curso, conforme apresentado no Quadro 1.1 Outra forma de degradação observada no Rio Cochó é a erosão por parte da construção civil, que utiliza-se da areia retirada das margens do rio.

A produção de cerâmica, tijolos e outros materiais para a construção civil são retirados também dos rios e tudo isso é feito sem nenhum critério. As pessoas são pobres que têm apenas aquela fonte de renda e os órgãos ambientais não podem utilizar apenas a fiscalização e pressão para resolver isso. As leis não são suficientes para salvar o rio sem o envolvimento de toda a população com a consciência do quanto é importante ter e preservar os rios. Observando-se que:

A poluição das águas e do solo aumentam a cada dia devido a presença de resíduos de materiais orgânicos e inorgânicos, de origem animal ou humana, aumentando cada vez mais a contaminação pela falta de saneamento e cuidados do homem que prejudicam as formas de vida e seu desenvolvimento regular. O uso apropriado do saneamento é uma nova maneira de combater os impactos negativos de suas atividades sobre o meio ambiente, atendendo a legislação ambiental (WENTZ; NISHIJIMA, 2011, p. 558 - 571).

Quadro 1.1 - Principais impactos Rio Cochó em Piatã, Boninal e Seabra-BA

CIDADES	PRINCIPAIS IMPACTOS SOBRE O RIO
Piatã – BA	Sofre duramente com a agricultura e extração Mineral.
Boninal – BA	Recebe uma carga de agrotóxicos usados intensamente na produção de tomate.
Seabra – BA	Sofre pelo uso demasiado de agrotóxicos nas plantações de tomates, pimentões, verduras e hortaliças, frutas como maracujá e outras ao longo do seu percurso, tem seu leito assoreado pela retirada de suas matas ciliares.

Fonte: Extraído de Rocha (2002)

Diante desta situação refletida acima, percebe-se que a crise socioambiental que vivemos e suas desigualdades econômicas, sociais e ambientais são o resultado do modelo de exploração capitalista baseado no uso indiscriminado do ambiente e da força de trabalho humana. “A destruição ecológica e o esgotamento dos recursos não são problemas gerados por processos naturais, mais determinados pelas formas sociais e pelos padrões tecnológicos de apropriação e exploração econômica da natureza” (LEFF 2001, p.49).

A utilização demasiada dos recursos naturais é um dos fatores responsáveis pela crise ambiental que ameaça os meios de produção capitalista e bem estar social, uma vez usada sem planejamento. Por anos, as alterações causadas pelo ambiente, através do uso abusivo da fauna e da flora, desmatamento, poluição das águas, poluição dos solos, são justificadas pelo progresso econômico, e o pensamento que predominava era que a ciência poderia resolver todos os problemas da humanidade. Com a expansão da população mundial, o desenvolvimento urbano e industrial resultante de uma sociedade que está se modernizando, sem os devidos cuidados de proteção e preservação ambiental, acarreta situações de escassez de água e de poluição dos recursos hídricos, que, cada vez mais, vem se traduzindo na degradação da qualidade de vida do planeta (PEIXINHO, 2010).

Diante destes fatos, os recursos hídricos e ambientais não apresentam condições favoráveis para o consumo pela população local e nem para a dessedentação de animais, como percebemos na degradação do Rio Cochó ao longo

do percurso histórico. Faz-se necessário pensar em políticas públicas de Educação Ambiental para despertar no indivíduo a consciência do uso e preservação dos recursos hídricos, e tentar, através das novas gerações, reverter e rever as questões de uso ou mal uso da água, poluição, desperdício, da implantação de barragens e os planejamentos destas barragens, na maioria das vezes são construídas para beneficiar pouquíssimos proprietários de terras, agravando o cenário de deterioração desse manancial.

A partir de Figueredo e Santos (2020), ao se tratar do Rio Cochó, hoje, refletindo o passado, o município enfrenta problemas como a ausência de serviços adequados de saneamento básico e a escassez hídrica. No que se refere ao saneamento, foi notória a inexistência de infraestruturas e iniciativas voltadas para essa questão desde o início do desenvolvimento da cidade. Esse quadro se tornou perceptível, inclusive, ao ser analisada a condição do Rio Cochó, uma vez que as principais causas da degradação deste estavam relacionadas à falta e/ou deficiência das estruturas de esgotamento sanitário e de drenagem urbana, dentre outros.

Diante deste cenário ambiental e histórico, é perceptível notar que o homem vem passando por mudanças na sua concepção de mundo e natureza. Nesse sentido, a Educação Ambiental, História Ambiental e a memória de idosos permitem entender a história do Rio Cochó a partir da visão dos que vivem neste lugar.

Nas palavras de Figueredo e Santos (2020), no que foi notado sobre os problemas referentes ao Rio Cochó e que podem ser parcialmente solucionados através da implementação dos instrumentos de planejamento urbano e ambiental e das estruturas de saneamento básico em todos os pontos da cidade, uma vez que são mecanismos que permitem o ordenamento da cidade e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade ambiental e de vida dos moradores. Tais instrumentos devem ser aplicados a partir de análises e estudos que considerem as especificidades locais, e contribuam para a elaboração e atualização de documentos já existentes. Pensando dessa forma, é possível reverter este quadro que são retratados nesta pesquisa de forma geral e específica.

2.4 AGRICULTURA, URBANIZAÇÃO E RECURSOS HÍDRICOS

Ao falar de agricultura e urbanização, nota-se como um dos principais responsáveis pela degradação da qualidade da água. “uma pesquisa desenvolvida no

Instituto de Biociências (IB) da USP “mostrou que mudanças no padrão de uso do solo e da cobertura da terra são o principal fator de degradação da qualidade da água dos rios brasileiros” (CANQUERINO, 2021). Dessa forma, agricultura e urbanização são os principais responsáveis por essa degradação, os principais fatores de alteração do uso do solo responsáveis pela degradação da qualidade da água.

De acordo com Freitas (2021), à agricultura o fator humano está ligado diretamente com a força de trabalho empregada no plantio, nos cuidados e na colheita. Sendo assim, a agricultura conceitua como uma atividade produtiva de grande importância para o homem, pois é a partir dela que temos o nosso sustento. Partindo deste princípio existem três fatores ligados à produção agrícola: o físico, como o solo e o clima; o fator humano, que corresponde à mão de obra em seu desenvolvimento; e o fator econômico, que se refere ao valor da terra e o patamar de tecnologias aplicadas na produção.

Como aponta Sousa (2021), quando se trata de urbanização nota-se o crescimento das cidades, tanto em população quanto em extensão territorial, sendo o processo em que o espaço rural transforma-se em espaço urbano, com a consequente migração populacional do tipo campo– cidade que, quando ocorre de forma intensa e acelerada, é chamada de êxodo rural. Nesse viés a urbanização causa a aglomeração de diversas pessoas nas cidades, provocando enchentes, desemprego, loteamentos populares, cortiço e crescimento das favelas, dentre outros.

Na questão dos recursos hídricos, as águas superficiais e subterrâneas disponíveis para uso na Terra, apenas 3% de toda a água disponível no mundo é doce, ou seja, é propícia para o consumo, o avanço desenfreado das sociedades - em números - fez com que surgisse o tópico de recursos hídricos nas discussões ambientalistas, dentre outras temáticas. Nesse sentido, a utilização diversa da água para o desenvolvimento econômico e qualidade de vida faz com que tal recurso não renovável, possa se esgotar, devido à grande demanda efetiva, acabando por acender o estado de alerta de indisponibilidade em algumas regiões no planeta, pelo uso e consumo de formas indevidas, como já visto em regiões onde os rios secaram e os solos foram desertificados, mesmo estando em Países sem históricos anteriores de secas e nos quais existem áreas que ainda produzem água, tendo alguns rios e nascentes ativos/as, o que denota que ações humanas foram causadoras destes desequilíbrios.

Estudos realizados por diversos órgãos nacionais e internacionais sinalizam

que esta crise tem forte relação com a ausência de gestão dos recursos hídricos, essencialmente causada pela utilização de métodos de irrigação inadequados (Unesco, 2003). Mudar esta situação é, sem dúvida, um dos maiores desafios que a humanidade enfrenta. A crise da água deve situar-se em uma perspectiva maior de solução e de resolução de conflitos, como estabelecido pela Comissão sobre o Desenvolvimento Sustentável, em 2002 (Unesco, 2003): “Erradicar a pobreza, mudar os padrões de produção e consumo insustentáveis, proteger os recursos naturais e administrar o desenvolvimento social e econômico constituem desafios primordiais para um desenvolvimento sustentável”.

O fator crucial que abrange em especial a agricultura e urbanização, são os recursos hídricos, sem dúvida, são as ações do homem em sociedade que acabam por prejudicar os ecossistemas aquáticos, freando a disponibilidade destes recursos. Dentre esses fatores, encontramos a construção de represas, a alteração do canal/leito natural dos rios, o desmatamento do solo e a poluição não controlada como fatores de impactos relevantes. Nesse sentido surge, a necessidade do uso das novas tecnologias com o intuito de controlar impactos, expansão urbana, o uso desenfreado da água na agricultura, dentre outros.

A urbanização avançou sobre os mananciais e deteriorou as fontes de suprimentos superficiais e subterrâneas com destruição de APP's (áreas de preservação permanente), onde existiam nascentes, construções de várias barragens no leito de um mesmo rio, como perfurações de poços artesianos, construções de canais desviando as águas de rios para grandes produtores de frutas etc. como ocorre no vale do São Francisco.

No século XX, a população mundial aumentou mais de três vezes, enquanto o consumo de água aumentou em nove vezes, aproximadamente. Estudos apontam que, atualmente, mais de um bilhão de pessoas não têm acesso a água potável e a serviços de saneamento básico. Segundo Barlow e Clarke (2003), estima-se que em um período de 25 anos, até 2/3 da população mundial estará vivendo com severa escassez de água doce. Afirmam, ainda, que “esta é a guerra invisível da água”, que além de ser responsável pela degradação ambiental, compromete também a saúde humana, pela falta de tratamento adequado da água, sendo as pessoas, principalmente crianças, vítimas de diarreia, cólera e esquistossomose, entre outras doenças.

Ainda assim, muito precisa ser feito para melhorar a eficiência no uso das

águas na agropecuária.

Repensar a agricultura, recursos hídricos atrelados ao processo de industrialização brasileira a partir de 1970, é importante, uma vez que o processo de urbanização no município caracterizou-se pelo denominado processo de interiorização do desenvolvimento econômico com significativos rebatimentos sobre a sua rede de cidades. Dessa forma a repercussão das ações do homem sobre a água, sobretudo na agricultura e a urbanização vai além, se não tiver consciência de que o ser humano é uma criatura suscetível ao seu meio e não há maior dependência que a do homem para com a natureza que o envolve.

Finalmente, é importante ressaltar a questão da coleta e tratamentos dos resíduos: o lixo e os esgotos. Dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico revelam que 97,9% da população têm serviço de abastecimento de água, porém, apenas 52,2% dispõem de serviços de esgoto sanitário, e somente 20,2% contemplam, simultaneamente, os três serviços essenciais: abastecimento, coleta e tratamento do esgoto (Oliveira, 2002). Conseqüentemente, em muitos municípios, esses resíduos são lançados no ambiente sem nenhum tratamento, muitos dos quais nos rios, os quais, em geral, não têm capacidade de depuração, devido às suas baixas vazões, tornando, assim, as águas inadequadas para diversos usos.

2.5 HISTÓRIA AMBIENTAL

A história ambiental surge como campo historiográfico na década de 1970. Período este que está relacionado com uma ampla discussão em escala global em torno das questões ambientais e do crescimento de movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países. Desta forma a consolidação do campo da História Ambiental está muito ligada a essas discussões que estão presentes nas ruas. Como discute o historiador americano Donald Worster:

[...] ela [a História Ambiental] nasce numa época de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial. A história não foi a única disciplina afetada por essa maré montante de preocupações públicas: o trabalho acadêmico nas áreas de direito, filosofia, economia, sociologia e outras foi igualmente sensível a esse movimento. (WORSTER, 1991, p. 2)

Essa proximidade com as discussões políticas pode assustar, inicialmente. Mas há que se apontar que o historiador é um produto social, estando inserido nas mais diversas ações da sociedade que o cerca. Falar em História Ambiental é valorizar toda

a discussão ambiental do seu período de surgimento e, conseqüentemente, a atual. Em um período em que um personagem da política internacional ironicamente “zomba” das mudanças catastróficas do clima, em que desastres ambientais causam prejuízos a várias famílias, sem falar no estrago ambiental por si só, processo esse que já se desenrola por dois anos e sem previsão para punição dos responsáveis e mesmo para se encerrar (RICCI, 2018).

O interesse pela problemática ambiental é crescente e amplo no âmbito mundial, nos aspectos políticos, econômicos e educacionais. Nesse cenário surgiram os estudos da História Ambiental, que podem desempenhar o grande papel de preencher lacunas históricas e contribuir para a decifração do mundo contemporâneo (MARTINEZ, 2006).

A História Ambiental por si só não resolverá os complexos socioambientais planetários, nem associada à educação ambiental. Mas elas podem influir decisivamente para isso, quando formam cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres. Tendo consciência e conhecimento da problemática global e atuando na sua comunidade, haverá uma mudança no sistema, apesar de não possuir resultados imediatos, visíveis, também não será sem efeitos concretos. E por isso que (Reigota 2003, p.38) nos salienta que:

A educação ambiental não deve perder de vista os complexos desafios políticos, ecológicos, sociais e econômicos que se apresentam a curto, médio e longo prazo. Permite demonstrar a velocidade em que as mudanças ocorrem e como os acontecimentos estão inseridos em várias temporalidades: a curta duração, a dos acontecimentos breves, com datas e lugares determinados; na média duração, no decorrer da qual se dão às conjunturas, tendências políticas e/ou econômicas, que por sua vez, se inserem em processos de longa duração, com permanências e mudanças que parecem imperceptíveis. É o ritmo das estruturas, tais como a constituição de amplos sistemas produtivos de relações de trabalho, as formas de organização familiar e de sistemas religiosos, a constituição de percepções ecológicas estabelecidas na relação entre homem e natureza. (REIGOTTA, 2003, p. 38).

A partir deste contexto acima um diálogo interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar são essenciais para diferenciar as bases teóricas da história ambiental. Nesta discussão nota-se que a história ambiental, como campo historiográfico consciente de si mesmo e de sua trajetória crescentemente institucionalizada na academia de diferentes países, começou a estruturar-se no início da década de 1970. A publicação de análises substantivamente histórico-ambientais,

no entanto, algo bem diferente da simples proposição de influências naturais na história humana, já vinha se delineando desde a primeira metade do século XX e, em certa medida, desde o século XIX.

Portanto, a História ambiental juntamente com Educação Ambiental assumem um papel de relevância social em proporções cada vez mais alarmantes e nocivas à qualidade de vida de uma população, surgem as discussões, conscientização, mobilizações para atuar, de forma participativa e comprometida em defesa do ambiente natural e do meio social, bem como, e fundamentalmente, da relação do homem com o homem, espaço, tornando explícito a história de um lugar com toda a sua cultura material. Isso sem contar que ressalta o sentimento de pertencimento que associa o habitat ao lugar. Além disso, História Ambiental e Educação Ambiental são temáticas que têm muito mais a dizer do que apenas com relação à questão ambiental, ambas devem trabalhar em articulação.

Em síntese, a História Ambiental não se encerra por aqui, pois ainda há muito que conhecer e refletir dentro da história ambiental. De maneira sucinta, foi possível vislumbrar a amplitude temática e sua complexidade e capacidade de produzir substanciais alianças disciplinares. Características que tornam a história ambiental uma ciência inerentemente interdisciplinar e que sempre parte da premissa de que tudo possui historicidade, ou seja, de que tudo está em perpétua mudança de forma transdisciplinar.

A história ambiental para esta pesquisa é extremamente fundante, uma vez que em 1970 fomenta a discussão sobre questões ambientais atuais, como lidar com a degradação desordenada do ser humano com a natureza e o meio em que vive estabelecendo relação harmoniosa de sociedade e natureza, como também pensar no Ensino da Ciências Ambientais em um contexto moderno, sobretudo com as novas tecnologias, resgatando a história ambiental do passado de forma integrada com as demais áreas do saber.

Sabe-se que é crescente no mundo a discussão ambiental. Nesse sentido, faz-se necessário trazer a história ambiental para dialogar com a problemática que o Rio Cochó vem passando em sua trajetória no decorrer do tempo. Os problemas ambientais do Rio Cochó corroboram para um debate na sociedade civil organizada, de forma interdisciplinar e transdisciplinar com outras áreas científicas do saber da ciência, por meio da conscientização da população e do próprio ser humano, partindo da concepção de uma Educação Ambiental que possa discutir os desafios da

atualidade como: economia, políticas públicas, o crescimento populacional, outros, atrelado ao saneamento básico, abastecimento, coleta e tratamento de esgoto, para compreender onde a História Ambiental possa ajudar de forma que há uma relação homem e natureza.

Agindo dessa forma falada acima, é possível estabelecer uma articulação conjuntamente. É sabido que discutir história ambiental, vai além do senso comum, para o científico. Neste estudo, a temática em questão do Rio Cochó deve ressignificar para questões locais no âmbito político, educacional e ambiental, tendo consciência que a Educação Ambiental e História Ambiental se entrelaçam no viés da sociedade e natureza, sustentabilidade e, que de fato precisa ser repensado na história e transformações do Rio Cochó na relação hídrica e ambiental por meio de diferentes concepções de abordagem que estas pesquisas corroboram para meio social em que vivemos.

Partindo deste argumento acima, é indispensável associar noções de sustentabilidade à construção de uma sociedade com equidade, democrática e com posturas ecológicas, que utilizam os recursos naturais sem comprometer as futuras gerações. Dessa forma, é necessário associar esse processo à história ambiental local, pois essa busca informações com as pessoas que viviam nessas áreas e que acompanharam as mudanças ambientais no decorrer do tempo, e, assim, pensar em ações sustentáveis com base no histórico ambiental do local (REIGOTA, 2007).

2.6 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para Dias (2003), a Educação Ambiental (EA), é um processo de aprendizagem permanente que deve desenvolver conhecimento, habilidades e motivações para adquirir valores e atitudes necessárias para lidar com questões e problemas ambientais, e encontrar soluções sustentáveis.

A trajetória histórica da Educação Ambiental mostra que aos poucos essa dimensão da educação vem conquistando seu espaço e se inserindo nos debates pedagógicos nas instituições de ensino no Brasil. A Conferência Rio-92 estabelece uma proposta de ação para os próximos anos, denominada Agenda 21. O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, assinado durante o RIO 92, enfatiza, na diretriz 19 do Plano de Ação, a importância de mobilizar as instituições de educação superior para o ensino, pesquisa e extensão

em Educação Ambiental e a criação, em cada universidade, de centros interdisciplinares para o meio ambiente, a exemplo da UEFS que tem a Equipe de Educação Ambiental. O Capítulo 36 da Agenda 21 destaca o papel relevante da Universidade para o estímulo da pesquisa e de uma educação comprometida com a sustentabilidade.

Além da Conferência Rio-92 que foi de grande importância, destacam-se no histórico da EA no Brasil consideráveis aspectos como a Política Nacional de Meio Ambiente (1981), que apresentava em seu segundo artigo, a educação ambiental a todos os níveis de ensino (BRASIL, 1981). Como também a Base Nacional Comum Curricular. Este será o desafio de um tema integrador comprometido com a Educação Ambiental (EA). Como construí-lo? feitas a partir do documento atual em consulta pública, que buscam contribuir para o resgate dessa dupla missão da escola, gestores educacional educadores, outros, reivindicada por todos aqueles e todas aquelas que, no campo da EA, compreendem que ela não sendo uma disciplina exige materialidade no currículo escolar que vá muito além de enunciados potencialmente demagógicos de compromisso com o desenvolvimento sustentável.

Nessa mesma discussão acima, compete destacar também o documento adotado na Assembleia Geral da ONU em 2015, "Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável", que é um guia para as ações da comunidade internacional nos próximos anos. E é também um plano de ação para todas as pessoas e o planeta que foi coletivamente criado para colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até 2030.

A partir desta afirmação acima, a Agenda 2030 consiste em uma Declaração, em um quadro de resultados - os 17 ODS e suas 169 metas -, em uma seção sobre meios de implementação e de parcerias globais, bem como de um roteiro para acompanhamento e revisão. Os ODS são o núcleo da Agenda e deverão ser alcançados até o ano 2030.

Partindo deste pressuposto retratado os 17 Objetivos são integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. São como uma lista de tarefas a serem cumpridas pelos governos, a sociedade civil, o setor privado e todos cidadãos na jornada coletiva para um 2030 sustentável. Nos próximos anos de implementação da Agenda 2030, os ODS e suas metas irão estimular e apoiar ações em áreas de

importância crucial para a humanidade: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias.

Portanto, ao combinar os processos dos Objetivos do Milênio e os processos resultantes da Rio+20, a Agenda 2030 e os ODS inauguram uma nova fase para o desenvolvimento dos países, que busca integrar por completo todos os componentes do desenvolvimento sustentável e engajar todos os países na construção do futuro que queremos.

Outro passo importante para a inclusão da educação ambiental, de modo organizado e oficial nos espaços educacionais, é a lei 9.795, sancionada pelo em 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a Educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Segundo a lei 9795/99 entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Ao se tratar das práticas pedagógicas para Educação Ambiental, deve-se pensar na elaboração do Plano de Ações Estratégicas para Gerenciamento dos Recursos Hídricos. Nesse sentido, o Rio Cochó, no atual contexto socioambiental, apresenta uma grande escassez hídrica referente à sua degradação ambiental. Sendo preciso, investir recursos para a realização de ações estruturantes que possam melhorar o sistema de gestão das águas desse Rio, que pode servir de ponte para trabalhar atividades de Educação Ambiental inclusive nas aulas teóricas e práticas em escolas e/ou universidades, em especial as sediadas nesta cidade e/ou na Chapada Diamantina e outras regiões, pois a partir de uma educação voltada desde os anos iniciais para a preservação ambiental em seus vários setores é o caminho para se criar cidadãos comprometidos com a saúde ambiental do planeta.

Com base no artigo 225º da Constituição Federal, “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988).

Considerando que a melhoria da condição do Rio Cochó poderia beneficiar a qualidade de vida dos moradores da cidade e do ambiente, notou-se a relevância de intervenções nesse sentido, com a atuação dos moradores e, sobretudo, do poder público na execução de um conjunto de ações em melhoria de recuperação deste

corpo hídrico.

2.7 MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS

A escuta e perguntas em entrevistas aos mais velhos nos traz claramente informações as quais na maioria das vezes não teríamos acesso, então se faz necessário a escuta a partir das memórias dos mais velhos através de histórias de vida, de relatos ou de depoimentos, possibilitando o encontro entre seres humanos e imprime neste fazer um caráter humano imensamente rico, perdido no tempo.

Dentro dos pressupostos teóricos de Bossi (1987), a memória dos velhos conceitua, como um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória do estudo das lembranças das pessoas idosas. Dessa forma, é possível verificar uma história social, através de características bem desenvolvidas de um determinado tipo de sociedade, trazendo o contexto familiar, cultural, sua memória atual. Nesse viés, a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Por isso, para Matos (2004), o rememorar na velhice sugere uma opção de reconstrução desenvolvida pelo indivíduo no presente, delimitado pelas matrizes sociais em que esteve implicado durante a vida. A memória de cada pessoa é portadora de um conjunto de referências sociais em que sua identidade é concebida no momento presente de acordo com os fundamentos adquiridos e aprendidos no passado. Dessa maneira, as recordações são elementos constitutivos do processo em que a identidade atual é renovada pela recordação (MATOS, 2004).

A memória dos indivíduos está muito ligada às suas relações do dia a dia com o meio, por conta das relações e conexões com os diversos grupos de convivência que possuímos e que ganham força ao longo do tempo. As memórias são de suma importância para cada pessoa, pois ela é específica para cada sujeito, o que um recordar é diferente do que o outro lembra, mesmo em situações em que ambos estavam vivenciando coletivamente (HALBSWACHS, 2006).

Sendo assim, ao escrever sobre a história dos mais velhos, sem dúvida a história oral, perpassa pela memória do passado e presente em determinado momento. Assim, discutir sobre a história dos mais velhos se faz necessário hoje, em meio a tantas informações perdidas no tempo. A discussão sobre memórias dos mais

velhos é relevante para compreender o passado e melhor conduzir o presente. Segundo Freixo (2011, p. 1), “apreender os sentidos produzidos pelos velhos sobre seu lugar, tomados aqui como ponto de partida para a compreensão das relações destes sujeitos em seu ambiente”.

Para uma compreensão da memória dos mais velhos, deve-se ater que a história oral, se perpetua no tempo presente, trazendo a percepção do passado, como algo que tem continuidade hoje, e cujo processo histórico não está acabado.

Partindo desta premissa, diante do contexto social o que faz a história oral sem dúvida, são as experiências das pessoas ao relatar suas memórias ou trazer à tona um determinado assunto para se resgatar na atualidade que foi de suma importância no passado. Nessa abordagem supracitada, entender o processo histórico como não acabado, ele está em constante renovação é primordial este entendimento, não apenas compreender o passado, mas como ele continua hoje. Daí se constitui a narrativa que é fundamental para a constituição da história oral, sobretudo, com o objetivo da formulação de documentação histórica, por meio do resgate da memória seja individual ou coletiva.

Nesse quesito a narrativa é o ponto central da história oral, na ampliação do conhecimento do passado, entender a história oral no tempo passado e presente como metodologia de pesquisa deste estudo nos mostra que nestes últimos tempos inúmeras transformações marcaram o debate da historiografia e muitos poucos historiadores não sabe preservar a crença da história recuperando o passado, sobretudo a história e memória dos mais velhos. Por isso, é bom conhecer sua metodologia e discussão no que versa a história oral do passado e presente.

Por tanto, através da história oral é importante como metodologia de pesquisa qualitativa que nos faz refletir: A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para o futuro construída por elas mesmas (THOMPSON, 1998).

A história oral como dispositivo de coleta da memória dos mais velhos acompanha a renovação da pesquisa histórica que vem ocorrendo nas últimas décadas, tornando-se dentro desse contexto um método novo para a investigação de temas contemporâneos. Sem dúvida, o potencial em termos de pesquisa e de formulações de novas perguntas que esse tipo de fonte possibilita, ainda não plenamente explorado. Outro aspecto que a fonte oral documenta com muita propriedade, refere-se às emoções.

De acordo com Bobbio (1997, p. 30), “somos aquilo que lembramos”. Para Izquierdo (2004), nada somos além do que recordamos, mas também do que esquecemos, sejam as lembranças silenciadas (voluntária ou involuntariamente), sejam os não ditos. Para Brandão e Mercadante (2009), a identidade está vinculada às recordações que cada um tem de si, tais como: o seu nome, os dos seus ancestrais, o lugar de nascimento e os espaços territoriais e sociais que o sujeito ocupou ao longo da vida.

Assim, a partir das memórias dos mais velhos, percebeu-se como as identidades de cada idoso foi sendo construída no processo do envelhecimento, sendo a memória familiar imprescindível para a reconstrução do passado e construção de suas identidades. Portanto, as memórias desses idosos revelaram-se como um instrumento metodológico para compreender a construção de suas identidades, demonstrando que são indivíduos com identidades sociais diferenciadas, reconstruídas pela memória e cuja trajetória de vida no passado é parte integrante da identidade no presente.

O ato de lembrar perpassa pelas vivências e experiências no passado, esse processo é caracterizado como memória, que, por sua vez, é trabalhado em cada ser pelo seu inconsciente que constrói sua lembrança por meio de materiais que estão disponíveis, como imagens e relatos e estes ocupam a consciência do indivíduo (BOSI, 1994; FREIXO; TEIXEIRA, 2011; HALBSWACHS, 2006).

Comumente, as pessoas relatam suas vivências em conversas, passadas de geração para geração, o pai conta suas histórias para seus filhos e a mesma história será replicada nos diversos grupos sociais que o filho pertencer, e, assim, disseminar sua cultura e feitos, dando significados às vivências e mantendo viva uma memória coletiva das pessoas e reconstruindo o passado.

A memória do indivíduo é influenciada por diversos fatores: família, amigos e os meios pelos quais faz parte. Dessa forma, o ato de lembrar se torna uma ação coletiva. O medo da “perda da memória” causado sobretudo por doenças, como Alzheimer e amnésias, faz com que se tenha uma preocupação maior em registrar as informações e momentos da vida. A memória, então, é condicionada por meio de fotografias, escritos e diários. Esses dados e registros são reflexos da memória coletiva (BARBOSA, 2009).

O idoso, ao buscar na memória seu passado, busca ocupar-se com suas lembranças, ao interagir com outros idosos, eles refletem seus antigos papéis nas

atividades que desenvolviam, contam suas histórias. O interesse pelo passado é muito frequente, pois se torna uma obrigação social o ato de lembrar, sendo constantemente “cobrados” a reviverem situações, sobretudo em grupo.

Para Bosi, (1983, p. 2):

Há dimensões de aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois dele ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente.

Quando se trata da memória dos velhos fazendo uma ponte com o Rio Cochó conforme discurso dos entrevistados:

O Rio Cochó para mim foi sempre um ídolo, e eu sempre fui sempre apaixonado pelo rio, por que como foi para os outros era para mim também, um ponto de lazer de descontração. A gente não precisava de muita coisa para buscar uma descontração, para fazer feliz, e hoje ele representa para mim uma saudade e um vazio muito grande por eu não ter esta parte por eu não ter realizado o sonho de fazer alguma coisa que ainda ele continua vivo e apesar muito fragilizado, apesar de enfermo, mas eu acredito que para Deus nada é impossível e que a saúde pode acontecer ainda para o nosso querido Rio Cochó. Então representa hoje uma saudade. (CONSCIENTIZAÇÃO, 2020).

O Rio Cochó ele fala muito da minha infância, adolescência, pois crescemos vendo este rio correr em nossa terra. Era o rio mais perto da minha residência, onde nós poderíamos ir com a meninada às vezes lavar pratos, tomar banho, pescar piaba, e ali nos reencontrávamos. Era um local onde a gente se via, fazia amizades, ganhava muitas repressões daquelas senhoras que estava lavando roupa. (CIDADE, 2020).

O Rio Cochó, para mim, antigamente era uma natureza sagrada onde eu era um menino feliz e me encontrava com meus amigos para lazeres diversos e higiene pessoal. Hoje, sem a presença do rio, as lembranças são registros de tristeza. (MÚSICO, 2020).

Quando criança tomei banho no rio, lavei roupa, buscava água pra casa, a cidade inteira vivia em volta desse rio. Só quando a seca era muito forte, ia se buscar água no rio campestre que é um rio perene. (RAIO DE SOL, 2020).

Nota-se que as entrevistas apresentadas acima mostraram que há uma relação do Rio Cochó com a memória dos velhos no percurso histórico entre os anos 1950 e 1960. A memória trazida pela história oral de maneira livre das experiências pessoais, configura-se seu retrato oficial. Ao provocar o resgate dessas lembranças observamos e captamos vivências a respeito de vários problemas ambientais que já ocorreram, ou

ainda ocorrerão, no seu ambiente (MEIHY,1996).

Nesse sentido, verificou-se que, ainda que as pessoas demonstrem interesse e proximidade em relação à questão do rio, em muitos casos não é percebida a relação que pode existir entre a degradação do corpo hídrico e o uso para as diversas atividades socioeconômicas, como a lavagem de roupas, servindo não apenas para suprimento das necessidades próprias, mas também para garantir o sustento da casa.

Nesse sentido, ao resgatarmos a história dos indivíduos inseridos em determinados ambientes, podemos resgatar e analisar o processo de urbanização da cidade (LEFF, 2001).

Da mesma forma, Bosi (2006) cita que os idosos têm participação direta na vida e na formação dos indivíduos, com as suas lembranças de lugares, pessoas e objetos. Assim, a criança aprende o passado, vivencia histórias, das quais as pessoas mais velhas participaram.

Em se tratando da História Oral Temática, busca-se, a partir de um assunto específico, a narrativa de um entrevistado sobre evento definido, preestabelecido. Os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse à medida que revelam aspectos vinculados à temática central (MEIHY, 2002).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia, que se apoia em depoimentos e testemunhos orais, é aplicada, em pesquisas qualitativas, por meio da realização de entrevistas gravadas com pessoas que vivenciaram acontecimentos do passado e/ou do presente, como sintetiza Alberti (2008, p. 155):

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Entre as principais vantagens dessa metodologia de pesquisa, está a possibilidade de incluir, no processo de produção de conhecimento, relatos de fontes normalmente esquecidas, ignoradas ou negligenciadas pela história oficial e por levantamentos tradicionais que se orientam a partir de registros escritos. Nesse sentido, trabalhos realizados a partir de fontes orais permitem uma concepção ampliada acerca da definição de fontes, sendo, então, possível a reconstrução de acontecimentos e, também, a construção de narrativas a partir da memória de pessoas que presenciaram tais eventos.

Por isso, buscamos aqui, contrapor e demonstrar o quanto as vivências e os saberes dos idosos são importantes para sociedade e, principalmente para os mais novos.

Por analogia Meyer (1992), nos traz a seguinte contribuição:

A memória de velhos vem permitir que os idosos expressem a percepção de si mesmos, as condições de vida e de trabalho, a cultura e sua relação com o ambiente; reconhecer o local em que vivem desde a morada até o trabalho, a igreja, os parques. Contar como a cidade era antes e como foi se transformando ao longo do tempo (mudanças climáticas, da paisagem, industrialização, relações sociais) tanto nas áreas urbanas quanto rurais. Tudo isso dentro de um contexto histórico, considerando as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais (MEYER, 1992, p. 47).

Sobre as finalidades das fontes históricas, Mauad e Cavalcante (2010) enfatizam que:

Os registros, ou documentos históricos, comprovam que algo existiu no passado, nos comunicam de diferentes maneiras um conjunto variado de atividades sociais. Entretanto, acima de tudo os documentos comprovam a existência de relações sociais e, mais do que isso, são suportes de relações sociais (Mauad; Cavalcante, 2010, p. 29).

Alinhando a história ambiental e memória local, com o objetivo de mobilizar os moradores de Seabra para a necessidade de melhoria dos recursos hídricos do Rio Cochó, através das redes sociais para melhor compreender o percurso metodológico, fez-se uma revisão da literatura, levantamentos de dados e análise, resultado e discussão para a construção desta pesquisa, sustentados nos autores de variadas opções metodológicas, para realizar investigação refletindo sobre a história oral, associada a noção de memória.

Dessa forma supracitado, faz parte depoimentos orais, por meio de escuta e relatos no processo de produção do conhecimento, sendo então, possível a reconstituição dos acontecimentos por meio de construção de narrativas a partir de memória de pessoas que presenciaram tais eventos.

Para complementar os procedimentos metodológicos, este trabalho transcorreu pela história ambiental, surgida em meados dos anos 70, com as conferências sobre a crise global, repensando as interações entre os sistemas sociais e naturais, considerando assim a história ambiental um campo híbrido de diversas áreas do conhecimento interdisciplinar.

Nesse pensar metodológico a educação ambiental perpassou, compreendendo os processos onde o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais voltados para a conservação do meio ambiente e sustentabilidade de forma interdisciplinar na busca de uma sociedade sustentável preocupada com os problemas ambientais.

Durante a construção deste trabalho utilizou-se uma grande diversidade de fontes, visando possibilitar a compreensão da dinâmica das relações sociedade-natureza como sistema único, integrando, o que exige a interdisciplinaridade típica da história ambiental e instrumentalizada pelo diálogo com outras disciplinas, como a geologia, biologia, geografia, antropologia, ecologia, entre outras.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Este trabalho foi desenvolvido por meio de entrevistas semi-estruturadas, estabelecendo contato com os entrevistados da pesquisa presencial. Nesse viés, a discussão parte da análise do instrumento da entrevista aplicada com os participantes da pesquisa, esse dispositivo segundo Chizzotti (2003), é organizado como o objetivo de buscar respostas dos participantes da pesquisa tanto na forma escrita, quanto na falada com relação a assuntos interligados com a temática abordada no estudo, que faz parte da vivência do sujeito.

Nesta pesquisa, utiliza-se como metodologia a História Oral. Trata-se de um método que busca coletar entrevistas de sujeitos que viveram determinadas situações e que podem relatar as suas experiências pessoais com o objeto. De acordo com Amado & Ferreira (2006), este método foi introduzido no Brasil a partir da década de 1970 como fonte para a pesquisa histórica, mas somente na década de 1990 passou a ser utilizada como metodologia em outras ciências, como a Geografia e os estudos ambientais e sociais.

Além da Memória e História Oral, que são pontos chaves desta pesquisa, será reforçado, por meio de uma investigação de cunho qualitativo a partir de uma etapa inicial a revisão de literatura que, de acordo com Cervo e Bervian (1996) trata-se de um meio de formação por excelência, sem a qual não é possível ter o embasamento teórico de todo o trabalho. Constituirá no levantamento, seleção, fichamento e organização de informações relacionadas ao tema, tendo como embasamento, produções científicas de autores que tratam da temática do trabalho a ser desenvolvido.

A metodologia conceituada como bola de neve (*snowball sampling*) surge como uma nova ferramenta, que busca fontes e documentos, mediante memórias e narrativas, contribuindo para construir uma contextualização histórica, com amplas dimensões. Especialmente quando o que se busca são aspectos que raramente estão escritos e documentados, exceção feita a inventários de terras, dessa forma os relatos dos velhos preenchem diversas lacunas da história local. (ALBUQUERQUE, 2009).

A técnica chamada de bola de neve, tem forte presença em pesquisas sociais, pois, os participantes iniciais de um estudo fazem a indicação de novos participantes e estes indicam novos, e assim por diante, até que atinja o que foi planejado: o “ponto de saturação” (ALBUQUERQUE, 2009).

Sendo assim, conforme o autor acima referendado deu-se desta forma: primeiro foi feita uma busca pelos moradores mais antigos da cidade e todos sempre citavam

Dona Marilande Queiroz, pois as pessoas sempre indicam ela quando se trata das histórias de Seabra, mas devido sua saúde não foi possível entrevistá-la. Surgiu então, outros nomes de pessoas que também conhecem a história deste rio em Seabra, onde entram os entrevistados desta pesquisa. Uma fonte associada à Escola Filinto Seabra – BA, indicou várias pessoas na cidade que são mais velhas e poderiam conhecer o Rio, ou melhor, conhecer a história do Rio, algumas dessas pessoas foram localizadas e entrevistadas.

Essa técnica associa-se à história oral contribuindo para demonstrar que as entrevistas estão aderidas uma à outra. Para Lozano (1996), a história oral possibilita um espaço amplo de contato interdisciplinar, social, em escalas, níveis locais e regionais, compartilhando com o método histórico tradicional, enfatizando os fenômenos e eventos, que possibilitam, por meio da oralidade, ricas interpretações qualitativas de processos históricos, sociais e ambientais, desta forma, possibilitando métodos e técnicas precisos para a construção de uma memória local.

Ao se tratar de entrevista é evidente que o método de campo conhecido como: “bola de neve” somente é atingido a saturação quando se verifica repetições de conteúdos pelos novos entrevistados, não adicionando informações relevantes à pesquisa aplicada. Uma vez que esse método parte da localização de um informante-chave, conhecedor da realidade local específica, e da construção de uma rede de informantes indicados pelos próprios moradores da comunidade. Essa rede foi ampliada até que começou a saturar, seja por repetição de indicações ou saturação de respostas (BERNARD, 1998; VINUTO, 2014; BALDIN; MUNHOZ, 2011, WHA, 1994).

Esse é um trabalho de história que teve como base entrevistas realizadas com moradores de Seabra que vivenciaram a história deste rio. Ao todo foram realizadas 05 entrevistas, concentrando nos bairros: Rua Pio XII, Centro, Bairro Tamboril, Rua Tito Luna Freire, Rua Barão do Rio Branco Aloiso Rocha e Beco. A opção de centrar as entrevistas nessa região se deu pelo fato de já ter sido identificado os bairros onde o Rio passa, cortando a cidade de Seabra, falado em conversa com os moradores antigos como: Bairro União, Poço Grande, Artur Alves, Félix Laureano Pires e Rua Itaberaba Vasco Filho.

As entrevistas buscam levantar dados acerca do processo de mudança que aconteceu ao longo do Rio Cochó devido à expansão do uso antrópico, especialmente da agricultura e a urbanização e as relações que as pessoas entrevistadas mantinham

e/ou mantêm. Como também informar e mobilizar a população de Seabra por meio de método de sensibilização para melhorar a qualidade deste recurso hídrico no Rio Cochó. O roteiro utilizado encontra-se em formato digital¹. Foi assegurado aos participantes identificarem-se, caso desejassem e autorizassem a divulgação dos dados transcritos das entrevistas e de sua identidade.

No primeiro contato não houve saturação, algumas entrevistas repetiam, não em todas, mas no decorrer das entrevistas foram aparecendo nomes de novos entrevistadores que não houve tempo para pegar outros dados para ver se de fato tinha saturado. Dessa forma, é possível buscar novos entrevistados com o mesmo foco tratado na pesquisa ou foco diferente, para comprovar a saturação.

As entrevistas gravadas com moradores do entorno dos bairros de Seabra - BA, foram transcritas conforme regem as normativas, sendo que as transcrições na íntegra, estão disponibilizadas na análise dos resultados, tanto para permitir ao leitor refazer o percurso da pesquisa quanto para possibilitar a realização de trabalhos futuros.

A divisão dos depoentes nas entrevistas descritas tem a intenção de captar se há modificações entre as falas sobre a história e transformações do Rio Cochó no Município de Seabra – BA.

¹ Link de acesso à transcrição das entrevistas:

<https://drive.google.com/drive/u/1/my-drive>

4 PERFIL CULTURAL DOS ENTREVISTADOS

Conscientização, nasceu no Distrito de Várzea do Caldas, Seabra, em 21 de setembro de 1942, aos 80 anos hoje. Filha de Ana Rita de Araújo e de Manoel Araújo, entre os irmãos Nivaldo, Nilza, Geovane. Foi alfabetizada e concluiu o ginásio na Escola Margarida Souza na comunidade vizinha do Bebedouro, período de uma infância feliz em meio a natureza, quando aproveitava o trajeto, feito a pé, para contemplar as árvores e o cantar dos pássaros. Mais tarde, aquele cenário rural ficou marcado na sua memória afetiva, o encantamento do primeiro amor e namorado Florisvaldo José de Araújo, conhecido por Lois (em memória), que a levava de bicicleta para escola com o qual se casou em maio 1963, tornando-se seu companheiro e anjo de amor até 05 de outubro de 2005, quando a morte os separou.

Após o casamento, mudou-se para Seabra. e retomou os estudos, tendo concluído a formação pedagógica em São Paulo, onde morou com seu esposo por dois anos.

De volta a Bahia, teve uma vida profissional muito intensa; ingressou no Ensino da Rede Municipal, dando início a primeira experiência em sala de aula, alternando com muitas viagens para participar de formações na área de educação em Salvador, a exemplo da Formação para Merenda Escolar e Programa de Alfabetização ao Pré-Escolar - PAPE. A prática se deu com muita dedicação, foram três anos de muita dedicação para suprir a carência da falta de infraestrutura, pois não tinha escola infantil, apesar da quantidade de alunos, chegou a assumir uma turma de 54 anjinhos de 04 a 06 anos. Sem espaço formal D. Lila e o ex-prefeito Jorge Alves (em memória), cederam o espaço na sua garagem onde os alunos estudavam sentados em esteiras até a transferência para o Colégio Municipal de Seabra, com um pouco mais de conforto. Lembra que a partir de então passaram a ter cadeirinhas bem frágeis, os quais foram orientados que se por acaso quebrassem, os pais iriam consertar. Logo, sua dedicação aos alunos, extrapolou a sala de, quando estes vinham buscá-la em sua casa. Na ocasião seu esposo (Lois) tinha um veículo do modelo Veraneio, que enchia de crianças e os levava felizes da vida para a escola.

Na década de 80, foi aprovada no concurso estadual e se qualificou em Educação Religiosa, Educação Moral e Cívica, entre outras capacitações com menor duração, após retornar fazia a formação dos demais professores e disseminar o conhecimento aprendido. Se especializou ainda em cursos profissionalizantes com

duração de dois anos na modalidade Alfa e Curso Complementar para Educação Especial de Crianças, além do acompanhamento das crianças especiais do município.

Sempre foi muito ativa na participação de movimentos sociais e religiosos. Na Igreja Católica permeou vários ministérios, a exemplo das Pastorais da Catequese e Batismo, mas se apaixonou pela Pastoral Carcerária, pela condição desumana em que presidiários são tratados e vistos pela sociedade. O que mais a comoveu foi se dar conta que infelizmente eram chamados de presos (como se perdessem a identidade). A partir de então passou a fazer um trabalho de acolhimento individualizado, o qual surtiu efeito para uns e plantou muitas sementes do bem em outros.

Um momento marcante em sua vida foi ter acompanhado o plantio da primeira árvore de Pau Brasil pelo Pároco Frei Justo Venturi na Praça da Bandeira, o que a motivou a fazer mudas e arborizar a cidade. Na ocasião trabalhava no Conselho Tutelar e juntamente com os colegas passou a fazer hortas e cultivar mudas de rosas e árvores, as quais juntamente com o Grupo Família Renascer, formado por alunos do Conselho, plantaram as mudas em escolas, entre outros locais onde eram solicitados. Além de promover a conscientização ambiental, ainda promoveu a valorização cultural, formando o Reisado da Família Renascer que se apresentava pela cidade. Em contrapartida, a sociedade oferecia algumas contribuições financeiras, as quais eram convertidas em pagamento de transporte para passeios com os alunos.

Na década de 90, enquanto diretora do Colégio Djalma Lopes, fez um trabalho diferenciado, iniciando com a limpeza da escola, pintaram paredes e arborizar o espaço, a estética do prédio mudou de tal forma que a sociedade começou a achar que fosse uma escola particular. Se deu conta que a conscientização ambiental estava surtindo efeito quando fazia passeio com seus alunos e percebia neles a preocupação com a coleta de lixo, já que espontaneamente muitos deles traziam o lixo de volta. Na sala de aula tratava todos os alunos com respeito e carinho, sempre os elogiando, fazendo de conta que todos eram educados, empolgados faziam por merecer. As ações realizadas em conjunto com os alunos, em pouco tempo atraíram os pais que passaram ter participação ativa na escola, já que os colocava como primeiros educadores e os alunos passaram a acreditar nisso. Logo passaram a participar dos mutirões, a exemplo das festas juninas, quando cada um ajudava dentro de suas habilidades, a exemplo de trançar esteiras, bocapios, balaios etc.

Posteriormente, surgiu a ideia de levar este movimento para a rua, tendo “**Conscientização**” como idealizadora e protagonista do “Dia do Verde” que por muito tempo foi tradição em Seabra. A Comemoração do “Dia do Verde” era realizada por meio de desfile cívico no centro da cidade, com o objetivo de formar cidadãos conscientes sobre a degradação do planeta. As demais escolas aderiram e se conectaram no plano, passando a realizar palestras sobre educação ambiental. Ao final, era feita uma festa à fantasia como gratificação aos professores e confraternizavam simultaneamente em comemoração ao seu aniversário no dia 21 de setembro (dia da árvore).

As ações do “Dia do Verde” motivaram a instituição GAS – Grupo Ambientalista de Seabra, em que participou das primeiras reuniões, sempre levando incentivo ao grupo. Dizia que o verde não tinha morrido, ao contrário, tinha renascido com o GAS.

Em 2005, ano em que ficou viúva, se aposentou e após a fase dolorosa do luto, preenche seu tempo transformando a história de suas vidas numa obra literária. Em 2006 lançou seu primeiro livro “O trem da Fantasia”, num evento cultural belíssimo que aqueceu o seu coração e de dezenas de pessoas do seu ciclo de amizades. A inspiração para o título veio do trajeto para a escola no veraneio com seu grande amor e seus aluninhos, onde faltava espaço, mas sobrava amor e alegria.

A pedido de Armínia Athayde, escreveu o livro “Lar do Vovô”, o qual foi enviado para a gráfica há cinco meses e já está saindo do forno. Atualmente tem se dedicado ao próximo livro que a priori terá como título: “Valores de Ontem e de Hoje.”

Assim como deixou registrado em seu primeiro livro, continua reafirmando: “Eu sou muito feliz, não é falta de problema, mas é a presença de Deus. E este Deus tem se revelado muito forte em minha vida, especialmente neste período de pandemia.”

Cidade, nasceu em 20 de janeiro de 1954, aos 68 anos hoje. Coursou magistério no centro Educacional de Seabra, me formei em 1971 e sempre morei aqui nesta cidade, não desloquei para nenhum lugar. Iniciei minha formação profissional de professora ensinando no Colégio Municipal de Seabra, depois em outros colégios estaduais e em outras escolas. Trabalhei no BANE, no Banco do Estado naquele tempo, hoje Bradesco e depois fiz concurso para secretaria da fazenda na área de fiscalização com o cargo de agente de tributo estaduais.

Em várias cidades aqui mesmo próximas da Bahia trabalhei e, sempre fui uma pessoa muito ativa. Desde os 14 anos que eu já ensinava no mobral. Trabalhei em várias outras repartições como: supervisora regional da merenda escolar e vice-

diretora em outras funções. Assumir cargos de confiança na secretaria da fazenda.

Músico, nasceu em Seabra - Bahia em 28 de julho de 1949, aos 73 anos hoje. Filho de Tito Luna Freire 1º Prefeito Eleito no Município de Seabra e D. Alice de Souza Freire, (sua narradora histórica que acompanhou o auge do coronelismo na Chapada Diamantina), com quem aprendeu desde cedo o valor da história e cultura regional. Teve 04 irmãos: Baltazar, Maria de Lourdes, Ana Maria e Dulce (in memoriam) e sete casamentos, entre os quais possui cinco filhos: Vinícius, Candice, Síria, Gilmara e Igor.

Mudou-se com seus familiares para a Vila de Parnaíba, atual Iraporanga (Iraquara-BA), retornando para Seabra nos períodos de férias durante a infância. Coursou o Seminário de Amargosa de 1961 até 1966, tornando-se seminarista. Coursou o Ginásio no Colégio Central da Bahia em Salvador com conclusão em 1966.

Desde cedo sentiu-se um artista, cantando nos corais da pequena Igreja de São Sebastião. Em Salvador, começou a tocar no Conjunto musical “Os Labaredas”. Em seguida, integrou os Eletrons (formação inicial do Chiclete com Banana), tendo morado no Bairro do Tororó na casa de Bel Marques e seus irmãos, proprietários da Banda Chiclete com Banana. Devido a repressão promovida pela Ditadura Militar e a constante perseguição ao povo brasileiro, que era de esquerda, teve que abandonar os estudos, voltar para a Chapada Diamantina e viver em casa dos pais em Seabra, meio confinado e em silêncio, já que chegou a ser detido junto a um dos grupos de estudantes que frequentemente eram levados por policiais.

Permaneceu em Seabra até 1972 quando foi aprovado no concurso do Banco do Brasil, dando início a sua carreira profissional. Trabalhou em diversas cidades da Bahia. Alternou nas funções de Bancário, Fiscal e Avaliador por 33 anos até a aposentadoria em 2003.

Paralelo à carreira profissional, desenvolveu a carreira artística como cantor, músico e compositor da Banda Hugo Luna que completou 29 anos de formada em 2021.

Mundo afora, atuou em vários grupos musicais como: “Os Labaredas e os Eletrons”, que mais tarde se tornou “Chiclete com Banana” (Salvador), Os Irapurus (Amargosa) os Irapurus (Seabra), os MECS (Lençóis) e, depois, carreira solo com a Banda Hugo Luna. Tendo a vertente para o forró, na qual gravou 10 (dez) discos, com dezenas de músicas autorais, o trabalho mais recente intitulado: Hugo Luna, a Luz do Forró, teve sua primeira edição esgotada.

É acadêmico, membro da Academia de Letras e Artes do Salvador, ocupando a Cadeira 21 (História). As Suas obras mais populares são as músicas: “Eu vi ela”. Além do Hino de São Sebastião, em que cita a "terra, doce, meiga do Campestre a flor e a Cidade de Seabra é um espaço de amor". Permeia ainda da música sacra, a exemplo de “Um Blues Azul pra Água” e a Música “Meus Rios, quo vadis?”, cuja expressão latina significa para onde vais?, na qual demonstra preocupação com as questões ambientais e chama atenção da sociedade seabrense.

Foi agraciado com vários prêmios em São Paulo, onde se apresentou por oito vezes no Teatro do City Bank-Halls, sendo a última, com a música “Baiano Grande” de sua autoria. Participou de seis edições do Projeto Banco de Talentos de realização da FEBRABAN/SP entre 1998 e 2009, Projeto Grão de Música com realização do Grão de Arroz em Salvador/BA e recebeu um prêmio com a música “A palavra e o silêncio”, na cidade de São Paulo.

Autodidata, “**Músico**” é multi-instrumentista da sanfona ao piano, violão, gaita, percussão, dentre outros; sendo considerado um Show-Man no palco.

Sua carreira profissional, no entanto, evoluiu pela vertente do autêntico Forró Pé de Serra, com participação em 18 das 19 edições do Forró Pé de Serra do Chapada que tradicionalmente abre os festejos juninos em Seabra, além de suas principais apresentações profissionais durante os festejos juninos, a exemplo dos shows realizados por mais de duas décadas no Pelourinho em Salvador; Incontáveis shows em São Gonçalo dos Campos-BA, desde o início da década de 90 e em sua terra natal Seabra, sempre tocou nas festas juninas, no entanto, após a apresentação no ano de 1993, ficou afastado dos palcos juninos seabrenses até 2009, quando foi convidado a se apresentar após a mudança de gestão e mais uma vez ficou fora dos festejos municipais até 2016, voltando a se apresentar em 2017, 2018 e 2019 para seus conterrâneos seabrenses.

Foram décadas de uma verdadeira maratona, com apresentações consecutivas em Lençóis, Palmeiras, Nova Redenção, Mucugê, entre outras cidades chapadeiras a exemplo do ano de 2019, quando brilhou o 1º Festival de Sanfoneiros de Rio de Contas abrindo as programações juntamente com Tagino Gondim.

“**Músico**” recebeu o título de Cidadão em São Gonçalo dos Campos, onde trabalhou como bancário e há 28 anos formou sua banda, considerada como segunda família, que o acolhe anualmente a partir do 2º trimestre para os ensaios, shows e

apresentações juninas.

Em 2018 foi homenageado em Seabra, durante as festas juninas, pela Gestão Pública Municipal com o Palco Cultural e simultaneamente em Lençóis aconteceu a Exposição Hugo Luna: Retratos de Uma Vida Forrozeira na Chapada Diamantina – Organizada pelo Campus da UEFS na Chapada Diamantina.

Em homenagem ao Dia da Chapada Diamantina em 2021, a pedido da Associação JIVA – Junta Independente Voluntária Ambiental, compôs a letra e música “Ode à Chapada Diamantina”.

Sua discografia é composta por 8 CD’s e inúmeras canções autorais.

É ainda um exímio contador de piadas e causos, que encantam quem tem o privilégio de estar em sua companhia, inclusive é autor do livro Causos Fantásticos do Poeta Robinson Queiroz.

É de sua autoria a frase: “A vida foi, é e será sempre um fato fantasticamente marcante para mim”. Atualmente reside em Seabra. e procura levar uma vida simples de cidadão comum, quase que no anonimato onde se deleita com suas canções clássicas e seus livros diversos, fazendo da vida um espaço de harmonia e ternura. Foram compostos discografia, canções do cantor e compositor “**Músico**”.

Raio de Sol, nasceu em Seabra, hoje tenho 68 anos. Nível superior em Estudos Sociais na época da Lei 5692, fiz na federal e fiz Nutrição na UNEB e Pós-graduada em gestão de recursos humano. Em Seabra eu trabalhei no Centro Educacional de Seabra, sou funcionária pública, fui diretora regional da Direc 27 por 10 anos. Estou há 39 anos, com o Colégio Raio de Sol (particular).

Para complementar a história de vida dos entrevistados no que diz respeito a ação que fizeram sobre a questão hídrica e ambiental, do Rio Cochó, fica evidente na fala de:

O tempo que eu trabalhava na Djalma Lopes, eu comecei a fazer um trabalho de transformação. Eu trabalhava mais com os alunos e com pais de alunos. Ai eu já trabalhava como diretora e daí nós organizávamos a Caminhada Ecológica, caminhada de conscientização pela conservação da natureza e um dos pontos principais que a gente trabalhava que a gente focava era exatamente a conservação dos rios, por que eu ficava muito triste quando eu via os rios assim. (CONSCIENTIZAÇÃO. 2020).

CONSCIENTIZAÇÃO, como idealizadora e protagonista do “Dia do Verde” que por muito tempo foi tradição em Seabra. A Comemoração do “Dia do Verde” era realizada por meio de desfile cívico no centro da cidade, com o objetivo de formar cidadãos conscientes sobre a degradação do planeta. As demais escolas aderiram e se conectaram no plano, passando a realizar palestras sobre educação ambiental. (CONSCIENTIZAÇÃO. 2020).

Somente em uma Campanha da Fraternidade apresentada pela igreja católica que nós nos concentramos nos Rios e estivemos juntamente com as pastorais e movimentos que se integraram a essa campanha, grupo de jovens, estivemos analisando a situação dos rios e viemos nesta reunião que fazíamos e orações nas pontes do rio campestre e Rio Cochó, percebíamos sofás velhos, fogões, muitos utensílios, garrafas petes, sacolas jogadas no Rio Cochó, necessitando de uma grande limpeza e de muitos cuidados para restaurar este leito. (CIDADE. 2020).

Participo sempre quando há mobilização com músicas, tanto de minha autoria onde abordo a poluição e a falta de responsabilidade do ser humano para com a natureza e, também, minha presença física. Sua obra e a Música “Meus Rios, quo vadis?”, cuja expressão latina significa para onde vais? na qual demonstra preocupação com as questões ambientais e chama atenção da sociedade seabrense. (MÚSICO. 2020).

Fizemos várias caminhadas, plantamos as margens do Rio, só que a gente não tem apoio público e ai fica tudo muito difícil né. A gente tem colocado para os alunos na escola todos os anos, a gente fala, faz o trabalho sobre a comunidade de Seabra, conta a história da cidade, mas conta a história do Rio também né que é muito triste um rio que eu tomei banho, que eu busquei água que lavei roupa, a gente ver no estado que está, mas como foi recuperado o Tamise quem sabe um dia o Brasil acorde para o meio ambiente e a gente recupera o Rio Cochó. (RAIO DE SOL. 2020).

Os moradores entrevistados foram distribuídos por faixa etária para análise dos dados por meio de questionário semiestruturado sobre o Rio Cochó (Quadro 4.1).

Quadro 4.1 - Moradores entrevistados organizados por faixa etária Rio Cochó no município de Seabra – BA

NOMES	IDADE	LOCALIDADE
CONSCIENTIZAÇÃO	80 anos	Rua Pio XII 981, S. - BA
CIDADE	68 anos	Rua Villa Lobos, 255. Bairro Tamboril – S. - BA
MÚSICO	73 anos	Rua Tito Luna Freire 37. Centro – S. - BA
RAIO DE SOL	68 anos	Rua Barão do Rio Branco. Próximo ao Posto de Saúde. Aloísio Rocha. S. - BA

Fonte: Elaborado pelo Autor (2021)

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

5.1 HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DO RIO COCHÓ NO MUNICÍPIO DE SEABRA – BA

O município de Seabra continua em expansão e tem sido convertido no mais populoso da Chapada Diamantina. A partir da década de 80 até os dias atuais, o setor de Comércio e Serviços foi sendo ampliado e fortalecido, se tornando a principal atividade econômica do município, com participação de 90,2% na economia (IBGE, 2018; SEI, 2018).

Como aponta Figueredo e Santos (2020), embora possua potencial para a realização de atividades turísticas, uma vez que apresenta pontos históricos de relevância, como a Estrada Real, que corta o entorno da cidade, Seabra não tem o turismo como uma fonte econômica direta. Ainda assim, a cidade dispõe de redes de hotelaria que auxiliam na demanda turística da região. Além disso, sedia órgãos federais e estaduais, como IBGE, Instituto Federal da Bahia (IFBA), Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), Companhia de Engenharia Ambiental e Recursos Hídricos da Bahia (CERB), Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB); o que demonstra a importância da cidade como centro geográfico do estado da Bahia e como “capital” da Chapada Diamantina.

De acordo com Mello (2008, apud BAPTISTA e CARDOSO, 2013, p. 126), “a cidade nasce da água. [...] A trajetória das relações entre cidades e corpos d’água reflete, assim, os ciclos históricos da relação entre homem e natureza”. Tal afirmação ilustra a estratégia dos seres humanos, que, dependentes da água para a subsistência, possuem a própria história marcada pela ocupação das margens dos rios. Dessa mesma forma, em meados do século XIX, as localidades de Campestre e São Sebastião do Cochó do Pega, que mais tarde constituíram a cidade de Seabra, se desenvolveram em torno de dois trechos hídricos: Riacho Campestre e Rio Cochó.

Conforme Sá Teles (2010), com a abertura da Estrada Real em 1665, ao longo do seu percurso surgiram várias povoações às margens do Rio Cochó, pois há um longo trecho que acompanha o curso deste rio. Os núcleos de povoações surgiram conseqüentemente a partir da abertura da estrada. Um destes núcleos foi formado à margem direita do Rio Cochó, na antiga Rua da Palha, atual Itaberaba. Formou-se um

aglomerado de casas de taipas que abrigavam tropeiros, garimpeiros e aventureiros que vinham da região de Rio de Contas e Jacobina. Chegando aqui neste aglomerado, os viajantes demoravam mais que deviam e então começou a história do Cocho do Pega, pois todas as pessoas que chegavam demoravam muito a ir embora e muitos resolveram se fixar, construindo mais ranchos, com isso o aglomerado foi crescendo. A partir de 1830 formou-se um núcleo maior à margem esquerda, na parte onde foi construída a Igreja de São Sebastião, a primeira igreja da cidade.

Freguesia criada, com invocação de “Nossa Senhora da Conceição do Campestre”, no município de “S.S. do Sacramento das Minas do Rio de Contas” (atual Rio de Contas), pela Lei provincial nº 899, de 15/05/1863, sendo anexado ao município de Lençóis pela Lei provincial nº 1014, de 18/05/1868.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Vila Agrícola de Campestre, pela lei provincial nº 2652, de 14-05-1889, desmembrada do município de Lençóis. Sede na antiga povoação de Vila Agrícola de Campestre. Constituído do distrito sede. Instalada em 14-12- 1889. Elevado à condição de cidade com a denominação de Campestre, pelo decreto estadual nº 491, de 22-06-1891.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município já denominado Campestre é constituído do distrito sede.

Pela lei estadual nº 1126-A, de 27-08-1915, o município de Campestre tomou a denominação de Doutor Seabra e pelos decretos nºs 7455, de 23-06-1931 e 7479, de 08-07- 1931, o município de Doutor Seabra passou a denominar-se simplesmente Seabra.

Em 1922, após ter derrotado o Coronel Manoel Fabrício de Oliveira, então chefe político do município de Campestre, o Coronel Horácio de Matos, por vingança política contra aquele mudou a sede do mesmo município para o povoado de “Cocho do Pega” (antes denominado “Passagem Bonita de São Sebastião”, “Passagem de Jacobina” e atual cidade de Seabra), que passou a ter o nome de Doutor Seabra (nome esse da verdadeira sede do município que passou a ser povoado com o nome de Campestre).

Pela lei estadual nº 1697, de 05-07-1962, desmembra do município de Seabra os distritos de Iraquara e Iraponga, para constituir o novo município de Iraquara.

Pela lei estadual 1700, de 05-12-1962, desmembra do município de Seabra o distrito de Licuri. Elevado à categoria de município com a denominação de Souto Soares.

Distritos: sede do município, Baraúnas e Várzea do Caldas. Limites com os

municípios de Barra dos Mendes, Brotas de Macaúbas, Iraquara, Souto Soares, Boninal, Ibitiara e Palmeiras.

Dentre os rios: Campestre, Prata, o Rio Cochó é o mais importante de Seabra e apresenta devastação da mata ciliar, poluição, assoreamento, contaminação das águas por agrotóxico na agricultura, usados principalmente na produção de tomate e a construção de várias barragens no seu curso, construções nas suas margens, recebe esgotos domésticos e aterro em determinados pontos.

O Rio Cochó corta a cidade de Seabra de ponta a ponta e por muito tempo foi motivo de orgulho para os moradores, serviu como abrigo para diversos animais aquáticos, como fonte de lazer para a população e para fins econômicos, infelizmente, hoje encontra-se agonizando devido aos maus tratos que vem sofrendo ao longo dos anos (Figura 5.1). Porém, através da gestão de recursos hídricos é possível reutilizá-lo e devolvê-lo à população como formas de cuidar do meio ambiente, do bem estar da população e de resgatar a história de um povo.

Figura 5.1 - Microbacia do rio Chocó na cidade de Seabra
Microbacia do Rio Cochó - Seabra - Bahia



Fonte: Elaborado a partir de IBGE (2019) e SEI (2019)

Percebe-se que Seabra nasceu às margens do Rio Cochó, tendo esse rio papel importante no processo histórico de desenvolvimento da cidade. No passado serviu

como fonte de lazer, abrigo e sustento para espécies aquáticas e atividades domésticas: roupas, louças e contemplação para os moradores locais.

Os problemas apresentados pelo rio Cochó são frutos do desenvolvimento urbano sem o devido planejamento ambiental e da falta de informação e conscientização da população, principalmente no que diz respeito aos malefícios que tais ações podem provocar à saúde do ecossistema como um todo, bem como para ela própria que usufrui do mesmo (SOUZA, 2007).

Diante do exposto acima, deve se ater aos aspectos negativos levantado sobre o Rio Cochó: poluição hídrica por resíduos domésticos, como os esgotos lançados no rio agravando sua situação sanitária e ecológica, desmatamento e aterramento de algumas áreas, grande quantidade de resíduos sólidos depositados a céu aberto, no leito do rio, desmatamento da mata ciliar em vários pontos do rio, áreas cercadas por arames farpados invadindo o rio, animais pastando em vários pontos do rio, assoreamento, pouca ou nenhuma sensibilidade da comunidade para a importância da preservação do rio, fiscalização reduzida por partes dos órgãos competentes e da sociedade para as questões ambientais, construção de barragens, entre outros.

Diante disso, reforça-se a necessidade de debates nas escolas, instituições, poder público e população sobre as possibilidades de restauração das condições ambientais do rio Cochó.

Em meio à realidade socioambiental, Souza (2007), o rio Cochó possui distintas finalidades, e na maioria delas, pode-se verificar a adoção de práticas insustentáveis durante o usufruto desse recurso natural, o que tem ocasionado, no mínimo, a alteração da qualidade estética do rio como: 1. Diluição de esgotos doméstico e pluvial. 2. Fornecimento de água para irrigação de culturas agrícolas. 3. Depositário de resíduos sólidos. 4. Abastecimento comercial e em alguns casos doméstico. 5. Implantação de pastagens e dessedentação de animais (bovinos, caprinos, equinos, etc.). 6. Locais para prática da pesca de subsistência. 7. Fonte de madeira para lenha através da retirada da vegetação ciliar. 8. Usos tradicionais (lavagem de roupas e louças).

Nesse sentido Cunha e Guerra (2008, p.101) dizem que:

O sentido de educar ambientalmente hoje vai além de sensibilizar a população para o problema. Não basta mais apenas sabermos o que é certo ou errado em relação ao meio ambiente. Precisamos até mesmo superar a noção de sensibilizar, que na maior parte das vezes é entendida como compreender racionalmente. Só a compreensão da importância da natureza não é o bastante para ser levada à sua preservação por nossa sociedade.

Sensibilizar envolve também o sentimento de amar, o ter prazer em cuidar, como cuidamos dos nossos filhos. É o sentido de doação, de integração, de pertencimento à natureza. (CUNHA; GUERRA, 2008, p. 101).

Portanto, educar ambientalmente dessa forma vai além de informar, mas permitir o pertencer, desenvolvido através de memórias afetivas através de experiências presentes na vivência das gerações que conviveram com realidades mais harmônicas, como também na conscientização do ser humano com o meio ambiente ecologicamente equilibrado em uma perspectiva de implementação da Educação Ambiental nas escolas e instituições de ensino superior através dos currículos interdisciplinar, transdisciplinar com propostas de planejamento de gestão ambiental, urbano voltado para o processo de expansão da cidade referente a degradação dos impactos ambientais, socioeconômicos no gerenciamento adequado dos recursos hídricos municipal, estadual, interligados aos órgãos do meio ambiente. Uma vez integrados todos estes problemas abordados neste fragmento de forma dialógica ambiente, natureza, ser humano, por meio de sentimentos de amor, doação, integração, acontece a conscientização e sensibilização.

Nesse sentido, verificou-se que, ainda que as pessoas demonstrem interesse e proximidade em relação à questão do rio, em muitos casos não é percebida a relação que pode existir entre a degradação do corpo hídrico e o uso para as diversas atividades socioeconômicas, como a lavagem de roupas, servindo não apenas para suprimento das necessidades próprias, mas também para garantir o sustento da casa.

A partir da análise dos dados colhidos na memória/história dos entrevistados sobre o Rio Cochó no Município de Seabra – BA, foi possível delinear as transformações que o Rio Cochó vem sofrendo ao longo dos anos, devido à expansão do uso antrópico, especialmente da agricultura e a urbanização. Destacam-se três momentos distintos na relação entre as pessoas entrevistadas por meio de sentimentos/saudades, indignação e desaparecimento nas seguintes perguntas: como era o Rio Cochó quando você era criança? A senhora/senhor, lembra quando o Rio começou a mudar? Como que esse Rio se encontra hoje? Diante das entrevistas foram destacadas três questões fundamentais para análise predito.

Questão 01 - Como era o rio cochó quando você era criança? Diante desta questão os entrevistados responderam:

Os entrevistados relataram que no período em que passou a morar na cidade, entre os anos 1950 e 1960, quando a quantidade de residências era reduzida e ainda não havia sistema de água encanada, era comum o uso da água para diversas atividades.

Hoje aos 77 anos, guardo com saudades as lembranças de quando usufruímos dos poucos recursos de lazer nos idos anos sessenta. O rio era o principal atrativo da época. No qual as lavadeiras se divertiam não só em cantorias como pescarias e até banhos. (CONSCIENTIZAÇÃO. 2020).

Quando criança tomei banho no rio, lavei roupa, buscava água pra casa, a cidade inteira vivia em volta desse rio. O Rio Cochó era por onde as pessoas não tinha água nas casas, então no final da tarde, os jovens e os homens eles desciam para o rio para tomar banho. (RAIO DE SOL. 2020).

Para contextualizar as entrevistas confirmado acima, verifica-se que as informações encontradas ao longo desta trajetória mostraram que o Rio Cochó, enquanto esteve em condições naturais, exerceu importante função social. Era comum a captação de água com latas e a prática de lavagem de roupas no leito do rio, pesca, banho e, inclusive, lazer, (FIGUEREDO; SANTOS, 2020).

Percebe-se nestes relatos sustentados acima, com fundamentos nos autores que o Rio Cochó era um atrativo para a própria cidade, por ser um rio mais caudaloso nos anos 60, como observa-se nas entrevistas, era um rio que corria permanente em prol do lazer, diversão e sustento para muitas famílias, com diversidade de espécies de peixes, outros. Sendo assim, a cidade vivia em torno do rio destacando sua importância no desenvolvimento da cidade e da agricultura e no fornecimento de água para irrigação, dentre outros benefícios como: a economia nas culturas irrigadas de alho, tomate, etc.

Certamente, o fato deste Rio cortar a cidade de Seabra foi substancial durante todo esse tempo, visto que não só a atividade agrícola naturalmente possui forte dependência de recursos hídricos, como também os próprios trabalhadores e moradores em geral usam o Rio para subsistência.

Além disso, o Rio se revelou um importante elemento paisagístico na cidade, o qual se manteve registrado na memória de moradores antigos, assim como a questão do lazer, conforme discurso dos entrevistados. Cabe a toda sociedade civil organizada, pensar na importância que teve o Rio Cochó, quando esteve em condições naturais, como forma de lazer para os moradores, sustento familiar, história

da cidade, entre outros.

Questão 02 - A senhora/senhor, lembra quando o rio começou a mudar? O que relata os entrevistados diante da pergunta?

Com a expansão da população mundial, o desenvolvimento urbano e industrial resultante de uma sociedade que está se modernizando, sem os devidos cuidados de proteção e preservação ambiental, acarreta situações de escassez de água e de poluição dos recursos hídricos, que, cada vez mais, vem se traduzindo na degradação da qualidade de vida do planeta (PEIXINHO, 2010).

Como Souza (2007), destaca que os problemas apresentados pelo rio Cochó são frutos do desenvolvimento urbano sem o devido planejamento ambiental e da falta de informação e conscientização da população, principalmente no que diz respeito aos malefícios que tais ações podem provocar à saúde do ecossistema como um todo, bem como para ela própria que usufrui do mesmo. Em conformidade com Souza (2007), reforça que a degradação do Rio Cochó nas questões saneamentos básicos, lixo, esgotos, pastagem para animais sem tratamento adequado, descaso da população e falta de informação, o rio vai desaparecendo e interferindo no ecossistema e conseqüentemente impactando negativamente a qualidade de vida da população que convive com o mau cheiro e risco de contrair doenças de veiculação hídrica.

Dito isto, corroborando com os autores fundamentados em questão, fica claro as mudanças do rio Cochó como expressa a fala dos entrevistados:

O tempo passou rápido, o rio foi ficando gravemente enfermo, um dos agravantes foi a instalação de um posto de lavagem de carros em suas margens, as autoridades também não limpavam mais o rio. As taboas foram sufocando suas águas límpidas e revertendo a areia em lama degradando seu leito e decretando sua morte prematuramente. (CONSCIENTIZAÇÃO. A. 2020).

Começamos a notar as mudanças no Rio Cochó, com o progresso chegando em Seabra que se desenvolveu muito a partir destes anos foram também se construindo perto das margens do rio e ali houve desmatamento de grande importância para a população, mas também de grande prejuízo para os rios desaparecendo as matas ciliares, aqui da nossa cidade. Então o rio ficou próximo de nossos quintais e estas matas foram desaparecendo, outras que seriam jogadas no rio como esgoto e outro lixo. (CIDADE. 2020).

Nas minhas observações, as principais mudanças aconteceram com a expansão urbana, em que as construções residenciais eram edificadas sem estrutura urbana, e os esgotos e dejetos caseiros eram despejados nos rios, o que acontece até hoje, infelizmente. As construções de barragens, os bombeamentos para irrigação e a extração das matas ciliares foram o estopim para o desaparecimento do rio Cochó. (MÚSICO. 2020).

Como visto acima, diante das falas dos entrevistados, mesmo com o surgimento de povoações nas margens do Rio Cochó nos meados dos anos 60 em transição para os anos 80, devido a expansão verde e abertura de poços artesianos, outros. É perceptível o crescimento da cidade de Seabra, e seus impactos da degradação, continua crescendo sem estrutura adequada, para minimizar os danos antrópicos com o Rio, sem nenhuma sensibilização por parte da população, sobretudo na importância da preservação hídrica e ambiental do rio.

Os anos 80 demarcaram pelo crescimento econômico e populacional na indústria e, os moradores locais desconhecem os impactos ambientais e negativos deste Rio como: poluição, desmatamento, abertura de poços artesianos, poluição hídrica por resíduos domésticos, esgoto lançado no rio, desmatamento e aterramento de algumas áreas, grande quantidade de resíduos sólidos a céu aberto, desmatamento da mata ciliar em vários pontos do rio, áreas cercadas por arames farpados invadindo o rio, animais pastando em vários pontos do rio, assoreamento, dentre outros, sem articulação com os gestores públicos e órgãos ambientais, municipal e estadual.

Destarte, sensibilizar a população e o ser humano, sobre a importância da água como bem comum para a existência humana e para o desenvolvimento de atividades diárias presentes no cotidiano do indivíduo em se conscientizar ambientalmente voltado para a importância dos recursos hídricos. O que se nota pouca sensibilização da comunidade sobre a importância da preservação do rio, pouco envolvimento dos órgãos públicos referentes às questões ambientais, conhecer mais as leis de proteção ambiental para ter conhecimento da trajetória deste rio ao longo de seu percurso histórico.

Durante as entrevistas foram relatados por ambos que era comum, no referido período citados anos 80, 90, 2000, a utilização de bombas e outros sistemas de captação de água direto do Rio Cochó para a agricultura, principalmente na zona rural do município. Outro importante fato relatado foi a utilização de agrotóxicos por alguns produtores de pimentão e tomate, entre outros.

Questão 03 - Como que esse Rio se encontra hoje? Analisando esta questão os entrevistados responderam:

Para contextualizar a fala dos entrevistados, Segundo o relatório da ONU

intitulado “Água para um mundo sustentável”, entre os fatores que afetam a qualidade e disponibilidade dos recursos hídricos, está o crescimento da população e o processo acelerado de urbanização. (ONU, 2010). Diante disso, reverbera os problemas ambientais do Rio Cochó por onde ele passa, devido ao crescimento populacional, dentre outros.

Diante dessa citação acima, mediada com as falas dos entrevistados, nos últimos 20 anos passou-se por um processo de intensificação da economia e de infraestrutura nas cidades, sendo positivo o aumento de renda e qualidade de vida das pessoas. Com isso, expandiu o uso da água, energia, entre outros.

Nesse sentido, percebe-se o crescimento da cidade sem saneamento básico, abertura de poços artesianos, sem um planejamento adequado no que se refere aos recursos hídricos e problemas ambientais como também políticos.

Observa-se que o Rio Cochó ao longo do tempo era um rio contínuo mas, hoje é intermitente sofrendo os impactos à medida de seu curso, afirmam os entrevistados.

Mudou, por completo, o que vemos hoje são “estradas poluídas”, (depósito para todos os tipos de materiais sólidos e esgotos). Em períodos de fortes chuvas desce uma água suja e fétida imprópria para consumo humano, gerando acúmulos de microorganismo e insetos causadores de diversas doenças. O Rio Cochó foi caudaloso com atividades para pesca, fornecimento de água para consumo humano e atividades como lavagem de roupas etc, até a segunda metade da década de 60. Daí em diante foi, paulatinamente, sendo agredido por nós, ribeirinhos até sua total destruição. Todo entorno do rio ficou intacto até meados da década de 60 e, daí então a ação do homem foi se degradando. (MÚSICO. 2020).

E a gente foi vendo o rio ir se acabando com os esgotos, com os desmatamento e ele é o que é hoje um rio necessitado de socorro. (RAIO DE SOL. 2020).

Nos fragmentos das falas dos entrevistados, o Rio Cochó não continua estável, ele não desapareceu continua infrequente em seu leito, só corre quando chove, em Seabra. Até os anos 60,70 era um rio que corria, somente nos anos 80, houve a destruição das matas ciliares, areias em seu leito. Estas causas aconteceram não somente pela ação do homem, mas, hoje devido a falta de chuva na região e descaso dos órgãos ambientais que não ateuve, limitou, restringiu, para as mazelas deste rio desde que foi notado sua degradação.

Diante desta realidade, nota-se aterro sanitário jogado no rio, o uso da água nas casas da população seabrense servem de depósitos e esgotos despejados no rio sem nenhum tratamento. Isso tem se tornado presente entre os moradores de Seabra

por onde o Rio passa.

Para tanto, buscar a revitalização deste rio é de extrema importância hoje contemplando as falas dos entrevistados em ter mais atenção acerca da situação vivida na redução da poluição por meio de espaços de discussão sobre o tema em questão criando conscientização na população sobre seus atos direitos e deveres enquanto sociedade civil organizada através da sensibilização do povo para uma ação conjunta municipal e posteriormente estadual.

Hoje, deve-se pensar em projeto para preservação do Rio Cochó em conjunto com o poder público, a sociedade local, comunidade escolar, utilizando a Educação Ambiental como principal ferramenta na compreensão de que a gestão ambiental se faz de modo integrado e participativo, mediado pelo poder público e população, sensibilizando o povo a pensar em ações positivas de revitalização do rio ressignificando a história deste rio atrelado com a história da cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir a linha do tempo desta pesquisa em consolidação com a memória dos mais velhos, permeado nas categorias de análise: o Rio Cochó em sua história, a mudança e atualidade, fica explícito na fala dos entrevistados nos anos 50 e 60, o Rio não tinha agravos ambientais, um memorial para o povo seabrenese nas atividades exercidas quando estava em seu uso natural no que se reporta sua trajetória.

No que se relaciona as mudanças deste Rio fica expresso o crescimento populacional e a falta de estrutura ambiental voltado para saneamento básico, outros, sendo um dos grandes problemas da degradação deste Rio, como também agricultura e postos de lavagem de carros construídos na cidade afetando o leito do Rio. E, finalmente o Rio como se encontra hoje (atualidade), sem mobilização por parte de órgãos ambientais, público e sociedade para ações em conjunto na melhoria deste Rio.

Procedendo do fato suprarreferido, a preocupação com a situação do Rio Cochó, na cidade de Seabra é fato atuante e que merece atenção da população e toda sociedade civil organizada, como também dos órgãos envolvidos seja Municipal, Estadual ou Federal em prol da melhoria dos recursos hídricos. Entender a história e transformações do Rio Cochó se faz necessário, uma vez que dialoga com as pessoas mais velhas ao vivenciarem as memórias deste rio. Dessa forma, o contato com os moradores do entorno deste rio foi através de telefone, e-mails, WhatsApp, e por fim presencial, conectando as pessoas a contar um pouco da história do Rio Cochó em suas vidas e na vida da população seabrense, e, qual é sua relação com este rio.

Em meio a esta discussão percebe-se que a população que vive, trabalha ou estuda na região de Seabra sofrendo com as consequências da poluição e falta de políticas públicas que atendam os direitos do cidadão brasileiro e a falta de sensibilizar a comunidade local, tal como, os moradores das cidades vizinhas acabam recebendo pelo percurso do rio os detritos e conseqüentemente suas respectivas problemáticas continuam crescendo sem ter um retorno da população e órgão ambiental por falta de conscientização da importância que este rio tem para cidade no seu percurso histórico.

Por isso, é necessário que a comunidade seabrense por meio da gestão de recursos hídricos resgate a história deste rio, a partir de uma movimentação do povo a nível municipal e posteriormente estadual e federal para conscientizar a população sobre seus atos, direitos e deveres enquanto pertencentes e contribuintes da

sociedade.

Nesse sentido e apesar do conhecimento da população acerca da situação vivida, não existem mudanças dentre esses aspectos supracitados de ambas as partes. Tantos os habitantes, instituição, espaço escolar, outros, não buscam ações próprias nem exigem da prefeitura mudanças que promovam a redução da poluição e pratique a revitalização do rio em conjunto enviesado por debates e ações de políticas públicas de Educação Ambiental. Sendo assim e por parte da prefeitura municipal, não há investimento na redução desses problemas, como também não efetivam punições aos culpados ou faz algo de concreto e coletivo que mobilize a sociedade de seus atos de degradação e destruição desta dádiva que é o Rio Cochó.

É necessário que sejam ampliados nos espaços discussão sobre a importância de conhecer a história o Rio, que faz parte da trajetória e memória dos mais velhos possibilitando recontar o passado para a conscientização, sensibilização, mobilização da população sobre seus atos, direitos e deveres enquanto pertencentes e contribuintes da sociedade e a partir de uma movimentação do povo passe a existir uma ação de nível municipal e posteriormente estadual, fazendo com que reduza os impactos socioambientais levantados nesta pesquisa por meio de ação social conjuntamente.

Destarte, diante desta situação que envolve medidas de preservação para o meio ambiente, a efetivação de políticas públicas que mobiliza a degradação desse rio para a qualidade de vida da população local e circunvizinha, preservando a história da cidade de Seabra, uma vez que os moradores desconhecem os impactos negativos deste rio.

Dentro deste contexto referido, cabe a população e órgãos ambientais, gestores políticos estadual e municipal pensarem ações positivas como a despoluição do rio através de desvio de esgotos por meio de canos de interceptação para estações de tratamento, recomposição da mata ciliar com espécie nativa, pavimentação dos pontos do rio próximo a residência com cestos de lixo, coleta regular de lixo nas margens do rio, implementar educação ambiental para a comunidade para evitar o lançamentos de lixo, dentre outros e por fim conscientizar a população a buscar soluções de forma integrada pelos órgãos e poder público voltado a questão do meio ambiente fortalecendo estas parcerias em prol da preservação do rio Cochó.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DAS ÁGUAS - ANA. Conjuntura. 205pp. 2011.

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Orais. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALBUQUERQUE, E. M. de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.

ALMEIDA, D.S. et al. 2000. **Projeto de recuperação de matas ciliares de nascentes da bacia do Rio dos Mangues**. In: Congresso de Exposição Internacional sobre Florestas, Porto Seguro. Anais. Rio de Janeiro, p. 575-576.

AMADO J, FERREIRA MM (2006) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FVG. 304 p.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B **Educação Ambiental Comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa Snowball (bola de neve)**. Programa de Pós-Graduação em educação Ambiental, 2011.

BAHIA. **SEI**. Indicadores Municipais. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/resumos/indicadores/indicadores_2929909.pdf. Acesso 10 out. 2019.

BAPTISTA, Márcio Benedito; CARDOSO, Adriana Sales. Rios e cidades. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 20, n. 2, p. 124-153, 2013

BARBOSA, X. C. **Experiências de moradia: história oral de vida familiar. Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2009.

BARLOW, B.; CLARKE, T. Ouro Azul. São Paulo: Makron Books. 2003. 331 p.

BOBBIO, Norberto. O tempo da memória: De Senectute e outros escritos autobiográficos. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo, EDUSP, 1987, v. 1.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 13.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. *Envelhecimento ou longevidade?*. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 08.04.2020.

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9433.htm. Acesso em: 30 de agosto de 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.433, de 8 de Janeiro de 1997. Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de Janeiro de 1997. Seção 1, p. 470. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9433.htm. Acesso em: 15 nov. 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9795/99. Brasília, 1999. BRITO, G.C. de.; L.; VIEIRA VAZ SANTOS, J.; DE MATOS ROSA RIBEIRO. Aspectos da situação do Rio Cochó - Chapada Diamantina: um estudo de caso sobre a inclusão da população em ações revitalizadoras. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Seabra (IFBA). **Revista Craibeiras de Agroecologia**. v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/era/article/view/9977>. Acesso em 10/09/21.

CANQUERINO, Marcelo. **Agricultura e urbanização são os principais responsáveis pela degradação da qualidade da água**. in EcoDebate, ISSN 2446-9394, 03/03/2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/03/03/agricultura-e-urbanizacao-sao-os-principais-responsaveis-pela-degradacao-da-qualidade-da-agua/>. Acesso em 30/10/2021.

CÂMARA MUNICIPAL (Seabra). **História da Cidade**: Seabra. Seabra, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3o45A3J>. Acesso em: 5 ago. 2019.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996. CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003. _____. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/seabra>. Acesso 10 out. 2019.

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **Degradação ambiental**. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (Orgs.) Geomorfologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.337-380, 1996.

DIAS, G.F. **Educação Ambiental: Princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2013.

EBDA, Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola. Agricultura na Chapada Diamantina. Disponível em:. Acesso em: 20 outubro 2006.

FELIX, E. Seabra: Rio Cochó sofre com poluição e desmatamento. Publicado no Jornal. O Bambúrrio UNEB campus XXIII. Publicado em 19 de outubro de 2017. Site: <https://www.chapadanews.com/seabra-rio-cocho-sofre-com-poluicao-e-desmatamento/Acesso> em 05 de março de 2020.

FIGUEREDO, B. L.; SOUZA FERREIRA DOS SANTOS, R.; EVANGELISTA BATISTA, E.; ALVES RAMON DO NASCIMENTO, F. **Avaliação histórica dos impactos ambientais no rio Cochó decorrentes da expansão da cidade de Seabra, BA (1970 - 2020)**. Trabalho de conclusão de curso submetido ao IFBA – Campus Seabra – BA, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau Técnico em Meio Ambiente. 2020.

FIGUEREDO, B. L.; SOUZA FERREIRA DOS SANTOS, R.; EVANGELISTA BATISTA, E.; ALVES RAMON DO NASCIMENTO, F. Avaliação histórica dos impactos ambientais no rio Cochó decorrentes da expansão da cidade de Seabra, BA (1970 - 2020). **Faces da História**, v. 8, n. 1, p. 50-69, 29 jun. 2021. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1968>. Acesso em 10/09/21.

FIGUEREDO, Bruna Leite; SANTOS, Raiane Souza Ferreira dos. **Avaliação histórica dos impactos ambientais no Rio Cochó decorrentes da expansão da cidade de Seabra Bahia (1922-2020)**. 2020. Monografia (Técnico em Meio Ambiente) - Instituto Federal da Bahia, Seabra, 2020.

FREITAS, Eduardo de. **"Agricultura"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/agricultura-5.htm>. Acesso em 30 de outubro de 2021.

FREIXO, Alessandra. **MEMÓRIAS E IMAGENS DE UMA? GENTE DE FIBRA?: CONHECENDO VELHOS AGRICULTORES DO SISAL POR MEIO DA FOTOGRAFIA**. Studium (UNICAMP), v. 33, p. 1-23, 2011.

FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria. **Entre as trilhas da memória: velhos da Terra do Sisal**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. 295p.

GLEICK, P. H. The world's water. 2000-2001. Report on Freshwater Resources. Island Press, 2000. 315p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. Questões sobre memória. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

LEFF, E. Saber Ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2 ed, 2001.

LIMA, Jorge. Enoch Furquim Werneck. **Recursos hídricos no Brasil e no mundo / Jorge Enoch Furquim Werneck**. – Planaltina: Embrapa Cerrados, 2001 46p.-

Documentos / Embrapa Cerrados, ISSN 1617 – 5111; n. 33.

Maria do Carmo Sá Teles de Araújo. Apócope dos fonemas átonos finais [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra / Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo. - 2010. 250 f.: il. + anexos. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010. Disponível em: <https://1library.org/document/y90r9gijy-apocope-vogais-atonas-localidades-centro-baiano-beco-seabra.html>. Acesso em 22/11/2021.

MARTINEZ, Paulo. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.

MATOS, Patrícia Ribeiro Mendes Alves de. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. Anais... Coimbra: CES, 2004. p. 1-22. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 12 fev. 2015.

MAUAD, A. M.; CAVALCANTE, P. *História e documento*. vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEYER, M. A. A. **Ecologia faz parte do espaço cotidiano**. Amae Educando, n. 225, p. 13-20, 1992.

OLIVEIRA, C. Serviço de esgoto mal chega a 50% da população. Águaonline - São Paulo, 2002. Disponível em: < <http://www.aguaonline.com.br> > Acesso em: 3 abr. 2002.

Organização das Nações Unidas. Programa da Década da Água da ONU-Água sobre Advocacia e Comunicação (UNW-DPAC). O Direito Humano à Água e Saneamento: Comunicado aos Media. [acessado 2015 jul 12]: [8 p]. Disponível em: http://www.un.org/waterforlifedecade/pdf/human_right_to_water_and_sanitation_media_brief_por.pdf.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 04 nov. 2020.

Organização das Nações Unidas. Programa da Década da Água da ONU-Água sobre Prefeitura de Seabra. Disponível em: <https://www.seabra.ba.gov.br/dadosgeograficos>. Acesso em 10 de Abril de 2020.

PEIXINHO, F.C. **Gestão sustentável dos recursos hídricos. Anais**. XVI Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas e XVII Encontro Nacional de Perfuradores de Poços, Maranhão, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL (Seabra). **Dados Geográficos**. Seabra, [20--]. Disponível em: <https://bit.ly/37eM7qu>. Acesso em: 5 ago. 2019.

Programa Monitora: Qualidade das águas do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/wp-content/files/RelatrioParaguauC22014.pdf>. Acesso 05 fev. 2020.

REBOUÇAS, A. C. **Água doce no mundo e no Brasil**. In: REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. **Águas doces no Brasil – capital ecológico, uso e conservação**. 2 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

REBOUÇAS, A. **Água doce no mundo e no Brasil**. In: Aldo Rebouças et all, **Águas Doces no Brasil, Capital Ecológico, Uso e Conservação**, Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, SP, 1999.

Recursos hídricos no Brasil: problemas, desafios e estratégias para o futuro / José Galizia Tundisi (coordenador). – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2014. 76 p.: 25 cm. Ciência e tecnologia para o desenvolvimento nacional: estudos estratégicos, 5. ISBN: 978-85- 85761-36-3.

REIGOTA, Marcos. In: REIGOTA, Marcos; POSSAS, Raquel; Ribeiro; RIBEIRO, Adalberto. **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós moderna**. São Paulo: Cortez, 2007.

RICCI, Larissa. **Vítimas da tragédia de Mariana ainda esperam novas casas e punição dos culpados**. Disponível em: Acessado em: 22 de abril de 2018.

ROCHA, A.C.S. **Às margens do Rio Cocho: um estudo de caso sobre o pequeno produtor e a preservação dos recursos hídricos na Chapada Diamantina**. 2002. Dissertação (Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

ROGERS, P. P. Water governance, water security and water sustainability. In: ROGERS, P. P. et al. (Ed.) **Water crisis: myth or reality?** London: Fundación Marcelino Botín, Taylor & Francis, 2006. p.3-36.

ROGERS, P. P. et al. (Ed.) **Water crisis: myth or reality?** London: Fundación Marcelino Botín, Taylor & Francis, 2006. 331p.

SEABRA (2019). **História**. Disponível em: <https://www.seabra.ba.gov.br/historia>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS, SANEAMENTO E HABITAÇÃO. 1993 Governo do Estado da Bahia. **Plano Diretor de Recursos Hídricos**. Bacia do Rio Paraguaçu: Documento síntese. Salvador: Governo do Estado da Bahia.

SEABRA. Disponível em: <<https://sead.ufba.br/seabra>>. Acesso em 30/10/2021.

SEI. 1994 Informações básicas dos municípios baianos: Chapada Diamantina.

VARGAS, Ramón. **Cultura y Democracia del Agua**. Disponível em: <http://www.revistapolis.cl/14/varg.htm>. Acesso em: 19 ago. 2008.

SEIXAS, B. L. S. Água: usos, características e potencialidades. Cruz das Almas: Nova Civilização, 2004.

SILVA, N. B. **História Ambiental da Lagoa do Subaé: Influências da industrialização e projeção urbana, Feira de Santana – Ba (1965-1985)**. 2014. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana.

SHIVA, Vandana. Guerras por água: privatização, poluição e lucro. São Paulo: Radical Livros, 2006.

SOMLYODY, L; VARIS, O. Freshwater under pressure. International Review for Environmental Strategies, v.6, n.2, p.181-204, 2006.

SOUSA, Rafaela. **"Urbanização"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/urbanizacao.htm>. Acesso em 31 de outubro de 2021.

SOUZA, H. J. De. **Tensores ambientais de origem antrópica atuantes no Rio Cochó, Seabra-Ba**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) da Faculdade Jorge Amado. Salvador, Bahia. p. 75. 2007.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e terra, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCCI, C. E. M. Águas urbanas. Estudos Avançados, v.22, n.63, p.1-16, 2008.

TUNDISI, J. G.; MATSUMURA-TUNDISI, T. Limnologia. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. 631p.

TUNDISI, J. G.; SCHEUENSTUHL, M. (Ed.) Bridging water research and management: new perspectives for the Americas. IIE, IIBRH, Ianas, Brazilian Academy of Sciences, IAP, 2008. (No prelo).

UNESCO. Água para todos, água para la vida. Paris, 2003. 36 p.

TUNDISI, J. G. et al. Conservação e uso sustentável de recursos hídricos. In: BARBOSA, F. A. (Org.) Ângulos da água: desafios da integração. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.157-83

TUNDISI, J. G. et al. Recursos hídricos no futuro: problemas e soluções. 2008. p.7-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gyMPtTzfkYfWWsMHqVLTqm/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 20/11/2021.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**, 20114.

WENTZ, F. M. P.; NISHIJIMA, T. **A educação ambiental como meio de ação nas atividades agrícolas para preservação dos solos e da água nas comunidades rurais do município de Santo Ângelo – RS**. REGET, v. 4, n. 4, p. 558 - 571, 2011.

WORLD HEALTH ASSOCIATION (1994). **Division of Mental Health**. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva: WHA.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. Revista Estudos Históricos, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

XAVIER, M. A. S. **Análise da influência das atividades humanas e agropecuárias no abastecimento de água de Seabra-BA**. Monografia (Pós-Graduação em Planejamento Ambiental com Ênfase em Educação Ambiental). Instituto de Educação Superior Unyahna, Salvador, 2011.

SITES

Acervo Parcial do Diagnóstico Turístico de Seabra – Divisão de Turismo - Adaptação Revista Noite & Dia, Edição 4 (2010) Autoria: Sirlene Rosa de Souza. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/302726696857776/user/100003938381888/>

<https://www.facebook.com/groups/302726696857776/user/100003938381888/>.
<https://www.facebook.com/groups/302726696857776/user/100003938381888/>.

Acesso em 11/03/22.

Advocacia e Comunicação (UNW-DPAC). O Direito Humano à Água e Saneamento: Comunicado aos Media. Disponível em:

<http://www.un.org/waterforlifedecade/pdf/human_right_to_water_and_sanitation_media_brief_por.pdf>. Acesso em 12 de Julho de 2015. p. 8

A história ambiental e a educação ambiental como ciência social. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia/a-historia-ambiental-educacao-ambiental-como-ciencia-social.htm>. Acesso 01/11/21.

Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (Brasil). Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil 2020: informe anual / Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. -- Brasília: ANA, 2020. 31p.: Capítulo 3 - Usos da Água. Disponível em: <https://www.snirh.gov.br/portal/centrais-de-conteudos/conjuntura-dos-recursos-hidricos/conjuntura-2020>. Acesso em 11/09/21.

CHAPADA DIAMANTINA: RIOS, ROCHAS E ÁGUAS NO CORAÇÃO DA BAHIA

Disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/chapada-diamantina-rios-rochas-e-aguas-no-coracao-da-bahia/>. Acesso em: 01/11/2021.

CHAPADA DIAMANTINA. Geografia. Disponível em: <https://www.chapadadiamantina.com.br/mapas.html>. Acesso em: 01/11/2021.

CHAPADA DIAMANTINA. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/chapada-diamantina/>. Acesso em 01/11/2021.

DE COCHÓ 21 DO PEGA A SEABRA. Disponível em: <https://1library.org/article/de-coch%C3%B3-pega-seabra-localidade-aspectos-hist%C3%B3ricos-povoamento.y90r9gijy>. Acesso em 30/10/2021.

FOTOS antigas do Cochó do Pega, Bahia. In: **Joanadebarros's Blog**: Em palavras e imagens. [S. l.], [2014?]. Disponível em: <https://bit.ly/2ZZzPzQ>. Acesso em: 1 ago. 2019.

História de Seabra. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/Escrita%20com%20olhar%20de%20Willian%20e%20j%C3%A1%20fazendo%20corre%C3%A7%C3%A3o/Dona%20Marilnade/Textos%20usado%20na%20escrita%20do%20mestardo%20Lanuce/trabalho%20rio.pdf>. Acesso 30/10/2021.

IBGE (2019). **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/seabra>. Acesso 10 fev. 2020.

RIO COCHÓ, 2020. **Google Maps**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Rio+Coch%C3%B3/@-12.72949,-42.0007869,10z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7425b7be764d57d:0xa9ed3f771750e96!8m2!3d-12.6887963!4d-41.7785046>. Acesso 12 fev. 2020.

Disponível em :<<https://wribrasil.org.br/pt/blog/2018/10/crise-hidrica-no-pais-com-maior-reserva-de-agua-doce-do-mundo>>. Acesso em 10/12/2020.

Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/819/689>. Acesso em 10/12/2020.

Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/20-19920-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/20-19920-1-PB%20(1).pdf). Acesso em 10/12/2020.

Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/aguas-interiores/informacoes-basicas/tpos-de-agua/o-problema-da-escasez-de-agua-no-mundo/>. Acesso em 10/12/2020.

Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/aguas-interiores/informacoes-basicas/tpos-de-agua/o-problema-da-escasez-de-agua-no-mundo/>. Acesso em 10/12/2020.

Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/06/08/chapada-diamantina-caixa-dagua-da-bahia-vai-secar-por-cristiane-passos/>. Acesso em 10/12/2020.

Disponível em: <http://ixfba-ivecea.unifebe.edu.br/wiew/information/downloads-consulta-publica/3.pdf>. Acesso em 19/12/2020.

Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/#:~:text=A%20Agenda%202030%20%C3%A9%20um,dentro%20dos%20limites%20do%20planeta>. Acesso em 19/12/2020.

Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT9-130-73-20100808085334.pdf>. Acesso em 19/12/2020.

Disponível em: <https://www.chapadanews.com/seabra-que-um-dia-pertenceu-a-lencois-comemora-128-anos-de-emancipacao-dia-14-veja-fotos-antigas/ponte-rio-cocho-1957/>. Acesso em 24/02/2021. (09:12h/manhã).

Disponível em: <https://www.chapadanews.com/seabra-rio-cocho-sofre-com-poluicao-e-desmatamento/>. Acesso em 24/02/2021. (09:27h/manhã).

Disponível em: <https://www.eosconsultores.com.br/exploracao-de-recursos-hidricos-no-brasil/>. Acesso em 25/02/21. (09:57h/manhã).

Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/07/moradores-reclamam-de-falta-de-agua-em-salvador-e-interior-da-ba-vivendo-no-meio-de-pandemia-sem-ter-como-fazer-higienizacao.ghtml>. Acesso em 25/02/2021. (As 11:54h/manhã).

Disponível em: <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-5923.pdf>. Acesso em 12/05/21.

Disponível em: <http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=34727&secao=Artigos%20Especiais>. Acesso em 12/05/2021.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/meio-ambiente/politica-nacional-de-recursos-hidricos/>. Acesso em 12/05/2021